



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS



LÍGIO JOSIAS GOMES DE SOUSA

**VIDA E OBRA DO POETA POPULAR SURDO MAURÍCIO BARRETO: UM
ESTUDO DE ABORDAGEM SEMIÓTICA**

Dissertação apresentada por **Lígio Josias de Sousa** ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), para a obtenção do título de Mestre em Letras, na área de concentração Literatura, Cultura e Tradução, da linha de pesquisa Estudos Semióticos.

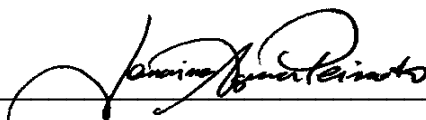
Orientadora: Prof^a Dr^a Janaína Aguiar Peixoto

JOÃO PESSOA - PB
2021

LÍGIO JOSIAS GOMES DE SOUSA

**VIDA E OBRA DO POETA POPULAR SURDO MAURÍCIO BARRETO: UM
ESTUDO DE ABORDAGEM SEMIÓTICA**

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Janaína Aguiar Peixoto - UFPB
(Orientadora)



Prof.^a Dr.^a Edneia de Oliveira Alves – PPGL/UFPB (Examinadora interna)

Prof. Dr. Fabrício Possebon – PPGCR/ UFPB (Examinador externo)

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S725v Sousa, Ligio Josias Gomes de.

Vida e obra do poeta popular surdo Maurício Barreto :
um estudo de abordagem semiótica / Ligio Josias Gomes
de Sousa. - João Pessoa, 2021.
87 f. : il.

Orientação: Janaína Aguiar Peixoto.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Semiótica. 2. Poeta popular. 3. Cultura surda. 4.
Literatura surda. I. Peixoto, Janaína Aguiar. II.
Título.

UFPB/BC

CDU 81'22(043)

DEDICATÓRIA

A Deus, que desde antes de eu nascer, Ele já sabia de todas as coisas que iriam acontecer na minha vida. Faço tudo para glória de Deus, pois está escrito na Bíblia: “Portanto, quer vocês comam, quer bebam, quer façam qualquer outra coisa, façam tudo para glória de Deus” I Coríntios 10:31

AGRADECIMENTOS

Todos os dias eu agradeço a Deus pela minha vida, não há como traduzir em palavras, mas sou e serei eternamente grato por tudo.

Aos meus pais, que me ensinaram tudo que eu precisava para me tornar um homem adulto e responsável. Nunca esquecerei de todo incentivo, principalmente nos estudos. Amo vocês meu pai, mãe e irmã e sei vocês estão orgulhosos de mim. Tenho sorte em tê-los.

À minha querida esposa, companheira e cúmplice, que me conhece por inteiro. Você é minha melhor amiga, a melhor pessoa que já conheci. Obrigado por me ensinar a ser independente, por me estimular a desenvolver meu talento como professor, mesmo quando eu não acreditei e por isso, você é a razão por eu ter chegado até aqui, sem você eu não conseguiria. Eu te amo e te amarei para sempre!

Ao meu primeiro filho amado, Théo, o bebê mais gaiato desse mundo. Amo o seu jeito, o que você sempre faz, que você continua assim, pois seu sorriso é como um remédio para nós. Você é a razão de tudo que sou e quero ser. Eu amo cada segundo ao seu lado.

Ao meu segundo filho amado, Noah, você ainda está na barriga da sua mãe, mas quero deixar registrado o quanto eu te amo e já estou ansioso para te ver (na esperança que dessa vez se pareça comigo). Seu pai, sua mãe e seu irmão serão os melhores do mundo pra você. Eu te amo!

À minha orientadora preferida, que sempre me acompanhou e esteve ao meu lado desde o início, não me imagino com outra pessoa. Vejo em seus atos a paciência, humildade, amor e generosidade. Obrigado por me ensinar a ser um homem melhor, como amigo e profissional. Volta logo que estamos com saudade.

Agradeço também a Nielson Oliveira e Nemuel Lima por terem me ajudado com a tradução do texto para o português, sou grato pelas noites de estudos juntos em minha casa, comendo a melhor pizza de João Pessoa (risos). Vocês dois são especiais!

LISTA DE ABREVIATURA

ASL - American sign language

BTDT - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

BERA - Brainstem Evoked Response Audiometry

Dor - Destinator

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

IFPB - Instituto Federal da Paraíba

LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais

LSB - Língua de Sinais Brasileira

OV - Objeto de valor

PPGL - Programa de Pós-Graduação em Letras

S – Sujeito semiótico

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

UFPB - Universidade Federal da Paraíba

UFSC - Universidade Federal da Santa Catarina

VV - Visual Vernacular

Ø – Inexistência semiótica

LISTA DE IMAGENS

- Imagem 1 – Hierarquia das Artes
- Imagem 2 – A escultura popular
- Imagem 3 – Do simples a arte
- Imagem 4 – A cultura em tela
- Imagem 5 – Espaços pensados para surdos
- Imagem 6 – A surdez gerada
- Imagem 7 – Comunicando através das tintas
- Imagem 8 – Os sinais em ritmo
- Imagem 9 – A arte de representar
- Imagem 10 – Sinais nas telas
- Imagem 11 – A literatura visual
- Imagem 12 – Os sinais e a littera
- Imagem 13 – Novos caminhos
- Imagem 14 – O Festival
- Imagem 15 – O octógono semiótico
- Imagem 16 – Produções artísticas
- Imagem 17 – Arte expressa no teatro
- Imagem 18 – A expressão do humor
- Imagem 19 – O acervo criativo
- Imagem 20 – O ouro nas mãos
- Imagem 21 – Os temas das poesias
- Imagem 22 – Passos para o diagnóstico
- Imagem 23 – Incorporação de personagens
- Imagem 24 – Da alegria a frustração
- Imagem 25 – Uma orelha andante
- Imagem 26 – A descoberta da Libras
- Imagem 27 – De uma orelha fez-se coração

RESUMO

Embora os sujeitos surdos brasileiros compartilhem da mesma nacionalidade dos ouvintes, eles apresentam aspectos diferentes por se desenvolverem como cidadãos biculturais e bilíngues, e possuem aspectos peculiares da sua própria cultura, a cultura do povo surdo, que consiste em um povo sem demarcação geográfica. Sendo assim, este estudo pretende promover um melhor conhecimento por parte da sociedade brasileira sobre a cultura surda, sua língua, valores e crenças, a partir da teoria abordada pela Semiótica Greimasiana dialogando com os estudos sobre a Cultura Surda, com base nos autores Diana Barros, José Luiz Fiorin, Fátima Batista entre outros como Hall, Strobel e Peixoto. A proposta do presente trabalho foi estudar sobre a vida e obra do poeta popular nordestino, surdo, Maurício Barreto, em especial a poesia intitulada *24 de abril Lei da Libras*, assim como, catalogar as suas obras (de todos os gêneros), fazer um levantamento biográfico do poeta e por fim, analisar a poesia escolhida com base nos três níveis de estudo semiótico: fundamental, narrativo e discursivo. Podendo assim mostrar a riqueza dessa Literatura, a inserção do surdo na sociedade através da valorização da língua, além de promover a preservação e a valorização desta herança cultural que é a Literatura Surda.

Palavras Chave: Semiótica. Literatura Surda. Poeta Popular. Cultura Surda.

ABSTRACT

Even though Brazilian deaf subjects share the same nationality as the hearing ones, they have different characteristics due to their development as bicultural and bilingual citizens, and to their having aspects peculiar to their own culture, the culture of the deaf people, which is a people with no geographic landmarks. Due to this fact, this study aims to promote a better understanding of the deaf culture, their language, their values and their beliefs by Brazilian society by means of Greimas's Semiotics, which dialogues with studies on the deaf culture based on the authors Diana Barros, José Luiz Fiorin, Fatima Batista, amongst others such as Hall, Strobel and Peixoto. This paper's proposition was to study about the life and works of the deaf Northeastern popular poet Mauricio Barreto, specially his poetry named *24 de abril Lei da Libras*, as well as to catalogue his works (of all genres), to make a bibliographic survey on the poet and, lastly, to analyse the chosen poem based on the three levels of the semiotics study: elementary, narrative and discursive. Being, thus, able to show the riches of this literature, the insertion of the deaf in society through the enhancement of language, as well as to promote both the preservation and the valorisation of this cultural heritage that is Deaf Literature.

Key words: Semiotics. Deaf Literature. Popular poet. Deaf culture.

SUMÁRIO

1. Introdução	11
1.1 História de Vida	11
1.2 Contextualizando a Pesquisa	16
2. A literatura	19
2.1 Arte e cultura Popular	20
2.2 Arte e cultura Surda	26
3. A Semiótica	36
3.1 Semiótica e Cultura	36
3.2 Semiótica Greimasiana	40
4. O Corpus	43
4.1 Apresentação	43
4.2 Percurso Metodológico	44
4.3 Maurício Barreto, o poeta popular da comunidade surda nordestina.....	45
4.3.1 Surdo	45
4.3.2 Artista	46
4.3.3 Autor.....	47
4.3.4 Poeta.....	50
5. Análise Semiótica	51
5.1 Apresentação.....	51
5.2 Diagnóstico.....	51
5.2.1 Nível Narrativo.....	52
5.2.2 Nível Discursivo.....	54
5.2.3 Nível Fundamental.....	56
5.3 Negação.....	59
5.3.1 Nível Narrativo.....	59
5.3.2 Nível Discursivo.....	60
5.3.3 Nível Fundamental.....	62

5.4 Possibilidades.....	63
5.4.1 Nível Narrativo.....	63
5.4.2 Nível Discursivo.....	65
5.4.3 Nível Fundamental.....	66
5.5 Aceitação.....	67
5.5.1 Nível Narrativo.....	68
5.5.2 Nível Discursivo.....	70
5.5.3 Nível Fundamental.....	72
6 Considerações Finais	74
7 Referências bibliográficas	77
Apêndice.....	82

1. INTRODUÇÃO

Acreditamos que toda pesquisa surge de uma inquietação pessoal, logo, parte do seu eu também é impresso no trabalho, e por isso, trazemos um pouco da trajetória que me fez chegar a esta etapa.

1.1 História de vida

Eu nasci surdo, numa família de ouvintes, onde a presença da surdez é comum. Meu pai e irmã têm perda auditiva e atualmente utilizam aparelhos de amplificação sonora. Em minha família paterna tem um total de 21 pessoas com algum tipo de surdez, incluindo parentes distantes que não cheguei a conhecer. Meus pais começaram a desconfiar que eu não ouvia quando em uma situação ocorreu a explosão de fogos de artifício e eu não reagi, não me assustei, o que é considerado atípico para uma criança de 2 anos.

Residentes em João Pessoa – PB, meus pais saíram à procura de um diagnóstico clínico, era necessário a realização de um exame conhecido como BERA (Brainstem Evoked Response Audiometry) e este não estava disponível em João Pessoa. Para a descoberta do diagnóstico viajamos até o estado do Rio Grande do Norte, na cidade de Natal, meus pais fizeram o exame e relataram o médico as situações que ocorreram, o que gerou desconfiança da surdez. O médico questionou o histórico familiar sobre a existência de outros surdos na minha família, minha mãe não tem pessoas com surdez na família, mas meu pai sim. Com os resultados dos exames e o histórico familiar foi possível chegar ao diagnóstico de surdez por causa de um fator genético hereditário.

Na ocasião o médico orientou meus pais para que eles obrigatoriamente estimulassem minha oralização e também a usar os aparelhos auditivos para que eu pudesse aprender a falar, para que assim, não prejudicasse a minha socialização com outras crianças, o meu desenvolvimento escolar ou ainda em outros ambientes.

Durante a infância sempre fui estimulado a oralizar, não me percebia como surdo e acreditava que eu era igual a outras crianças. Me percebi surdo

quando outras crianças começaram a me chamar de mudinho e eu sentia dificuldade de compreender o que falavam comigo, mas não tinha contato com a comunidade surda. Durante muito tempo eu acreditei ser o único surdo no mundo, não conhecia outros surdos e não conhecia a língua de sinais. Não imaginava o que era ser surdo e durante muitos anos frequentei regularmente o fonoaudiólogo, para fonoterapia, com o objetivo de desenvolver a fala.

Fui alfabetizado na escola, e em casa meu pai formado em letras e professor de português treinava comigo a articulação das palavras, a maneira certa de pronúncia, e isso se estendeu até os meus 12 anos de idade, quando me sentia diferente das outras pessoas e quando finalmente tive o meu primeiro contato com a língua de sinais.

Na escola durante o ensino fundamental I, estudei em uma escola privada, tive professores muito pacientes que geralmente apresentavam a aula para todos os alunos e depois se dirigiam a mim para explicar a atividade, passar os comandos para que eu pudesse cumprir a tarefa, esses professores falavam diretamente comigo, eu compreendia pela apontação e através de leitura labial. Estes professores preferiam fazer atividades práticas para que eu executasse ou atividades com apoio visual.

Nos primeiros anos da pré-escola e alfabetização eu sempre estudei como mesmo grupo de alunos e estes foram aprovados para a primeira série enquanto eu fiquei retido na alfabetização. Naquele momento eu percebi que seria necessário um esforço maior se eu quisesse continuar com a mesma turma de alunos. Nos anos seguintes foram de muitas dificuldades porque não havia intérprete e eu não conhecia a língua de sinais, eu precisava de uma atenção extra dos professores para compreender o objetivo das atividades e das provas.

Essa escola disponibilizava turmas até a quarta série, quando então eu passei para quinta série, precisei mudar de escola. Meus pais partiram em busca de uma nova escola e então eu comecei a estudar numa escola pública estadual em João Pessoa. Considero essa experiência como um milagre para mim, pois na escola pública tive o meu primeiro contato com a língua de sinais.

Eu me lembro de ver um grupo de surdos sinalizando, mesmo sem compreender eu continuava olhando e fui percebido pelo grupo, eu usava aparelho auditivo e um surdo se aproximou e começou a sinalizar. Eu não compreendia a sinalização, o surdo então perguntou a uma professora que

conhecia alguns sinais se eu sabia sinalizar e a professora respondeu por mim, afirmando que eu apenas sabia oralizar, a professora pediu para que eu repetisse um sinal de “beleza”. Durante os intervalos das aulas ocorreram os primeiros contatos quando os surdos me procuravam e tentavam se comunicar comigo. Eu não compreendia a sinalização e num certo momento um dos surdos me presenteou com um panfleto com o alfabeto manual, levei o panfleto para casa e comecei a praticar a soletração das palavras, chamada de datilologia, eu fui me desenvolvendo e ganhando velocidade e usava apenas a datilologia para me comunicar.

Os surdos não compreendiam o sentido das palavras que eu fazia utilizando a datilologia, e mais uma vez em um intervalo de aulas, o surdo me chamou na sala de aula e disse que eu não deveria usar a datilologia para tudo, ele apontou uma cadeira e fez o sinal correspondente a cadeira, depois ele fez a datilologia C-A-D-E-I-R-A e o sinal de não, indicando que eu deveria usar o sinal ao invés da datilologia. Este surdo começou a me apresentar os materiais escolares e que estavam dispostos naquela sala de aula, caneta, caderno, quadro, etc. Esta situação me trouxe uma curiosidade de conhecer mais sinais.

Esse momento da descoberta da língua de sinais foi muito importante para mim, me ajudou muito e apesar de aprender também com a oralização este aprendizado não era algo natural para mim. A libras me deixou mais leve e me possibilitou um melhor acesso a todos os tipos de informações. Eu sabia palavras básicas do português e não conseguia compreender conceitos mais complexos, com o contato com a língua de sinais eu pude compreender tudo, e voltar aos conceitos mais complexos em língua portuguesa e compreendê-los também.

Eu usava o português para conversar na internet, com amigos ouvintes, e aproveitava para aprender novas palavras, assim eu continuei seguindo o aprendizado da língua portuguesa e da Libras.

Enquanto isso no ambiente familiar, todos usavam a oralização para se comunicarem entre si, meus pais resumiam a informação e falavam comigo mais devagar de forma mais objetiva. Considero que não tinha uma boa socialização dentro de casa, me chateava precisar sempre perguntar sobre o que os outros estavam conversando e sempre ter um resumo como resposta. Me conformei e aceitei que eu não podia mudar aquela situação.

Eu me sentia isolado devido a pouco diálogo familiar, quando surgia um momento para sair em família, eu sempre pedia para ficar em casa, meus pais exigiam que eu estivesse com eles, e quando eu comecei a ter contato com os surdos eu preferia estar com os surdos do que com meus familiares. Sempre pedia para sair e encontrar meus amigos surdos pois poderia conversar e em casa, em família não era possível.

Esse contato com os surdos foi intenso, estava com mais contato com os surdos do que com minha própria família, até os dezenove anos, quando comecei a namorar uma jovem ouvinte (que hoje é minha esposa) que era fluente em Libras. A partir desse momento aconteceu uma mudança no meu comportamento pois ela traduzia as conversas com meus familiares, eu passei a dedicar mais tempo a estar com minha família.

Esse momento foi importante por que meus pais perceberam uma mudança no meu comportamento e me questionaram sobre isso, foi então que tive a oportunidade de falar que saia sempre de casa por que me sentia só, saia apenas para conversar, considerando que em casa eu não tinha diálogo com ninguém e isso trouxe uma mudança de comportamento também na minha família, que passou a buscar acesso a informações sobre a cultura surda, sobre a língua, mais tarde se inscreveram num curso de Libras, e hoje eu posso conversar com todos os membros de minha família sem precisar de alguém para intermediar a conversa.

A associação de surdos de João Pessoa também contribuiu na minha trajetória em diversos âmbitos, com informações políticas, práticas esportivas e até viagens interestaduais de campeonatos esportivos com surdos. Estar no ambiente da associação me proporcionou um contato com surdos mais velhos e experientes que me ajudaram servindo como uma representação, um modelo na formação da minha identidade surda, a me assumir enquanto surdo e não apenas como deficiente auditivo. Eu sou muito grato a essa oportunidade e permaneço membro desta associação para que outros surdos possam me ver e que eu possa ajudá-los nesse processo também.

O shopping Tambiá localizado no centro de João Pessoa é um ponto de encontro da comunidade surda, todas as quintas-feiras, eu ia semanalmente para me atualizar sobre as novidades, encontrava diversos amigos surdos e aliviava a vontade de conversar que acumulava durante a semana. Me lembro

de aguardar ansiosamente a chegada da quinta feira, não faltava nenhum dia, pois era um lugar de diversão, entretenimento e poderia conversar sobre absolutamente qualquer coisa.

Chegando o período do ensino médio meus pais me inscreveram no processo seletivo do IFPB, com um discurso que seria bom para meu futuro profissional, eu apenas aceitei, não tinha a consciência de qual curso faria, mas me animava a possibilidade de trabalhar. Fiz a prova de seleção e fui aprovado.

No primeiro dia de aula as pessoas me perguntavam qual o curso que eu havia escolhido, e na realidade eu não sabia para qual curso eu havia sido inscrito. Descobri então que fui matriculado no curso de eletrotécnica, eu tinha interesse no curso de mecânica, mas infelizmente não era possível fazer a mudança de curso, a escolha do curso se dava no momento da inscrição, que foi realizada pelos meus pais.

Estudei por quatro anos e o IFPB tinha uma equipe de intérpretes que eram temporários, contratados por 2 anos, precisamos reivindicar mais vagas para aumentar o quadro de intérpretes com a chegada de mais surdos na instituição. Ter intérpretes não garante a completa acessibilidade do surdo no ambiente educacional, por isso o instituto não estava pronto para receber alunos surdos, precisava garantir adaptações didático pedagógicas, das aulas, das provas e materiais didáticos.

Foi necessária uma conversa com o professor de cada disciplina e alguns aceitavam mudar suas metodologias e materiais, outros não aceitavam e exigia um esforço maior de minha parte. Sou muito grato por conseguir me formar, com incentivos de alguns professores e quando não tive o incentivo busquei motivação própria e com colegas de classe.

Fui o primeiro surdo a me formar em eletrotécnica na região nordeste, e mesmo não sendo fácil, existe um legado pois depois de mim outros surdos ingressaram IFPB e para mim o mais importante é a valorização da língua de sinais. Ainda no IFPB comecei a estagiar e esse estágio se efetivou e eu permaneci nesse emprego por sete anos.

Sai do ensino médio com a intenção de cursar automação industrial, me inscrevi no ENEM e fiquei em primeiro lugar na lista de espera. Infelizmente não consegui a vaga e estava decidido a esperar até o próximo ano, quando surgiu a oportunidade de me inscrever no vestibular para o curso superior de Letras

Libras da UFPB - Universidade Federal da Paraíba, não tinha interesse na área, mas após conversar com minha esposa eu decidi me inscrever. Se não me identificasse com o curso poderia trocar no ano seguinte, por não me identificar com o perfil profissional do curso e não perceber em mim uma afinidade com a docência. Me inscrevi e fui aprovado, nos primeiros semestres eu não me identifiquei com o curso até que chegou o momento dos estágios.

Essas disciplinas práticas me despertaram o gosto pela docência, os conteúdos mais profundos começaram a fazer sentido, literatura surda, tradução, obras literárias de surdos registradas em vídeo, me despertaram uma curiosidade e paixão pela graduação. No estágio curricular eu descobri a poesia surda, e tive contato com meus melhores professores, me encantei pela poesia de Maurício Barreto, e sua maneira de sinalizar me fez mergulhar em um novo mundo de possibilidades da língua de sinais. Eu busquei assistir inúmeros vídeos deste autor e este momento da disciplina foi um marco para mim.

Passei por todas as disciplinas, descobri um amor pela docência, fiz o trabalho de TCC e me formei, continuei estudando mais era tamanha a motivação, então, parti para uma especialização na intenção de conhecer mais sobre a literatura surda, a especialização durou dezoito meses, participei de outros projetos como o de tradução da bíblia, com narração de histórias e parábolas.

Fiz concurso para esta instituição onde cursei a graduação, fui aprovado inicialmente como professor substituto, e atualmente sou professor do quadro efetivo, ministrando as mesmas disciplinas de estágio que foram tão importantes na minha história acadêmica. Isso me faz muito feliz pois assim, posso contribuir com outros licenciandos a desenvolverem a paixão pelo ensino de literatura e Libras.

1.2 Contextualizando a Pesquisa

O conhecimento adquirido sobre a Literatura Surda, durante o curso de Licenciatura Plena em Letras com habilitação em Libras, despertou o interesse pela temática deste docente com identidade surda atuante no ensino superior, e pesquisador nesta área tão instigante e carente de novos estudos. Estudos

estes, relevantes para a valorização das obras de autores surdos que refletem a nossa autêntica cultura.

Ao enfatizar a autoria surda como uma produção literária autêntica da cultura que ela representa, consiste no fato de haver importantes obras traduzidas para a Libras, portanto ainda assim, não carrega os valores subjetivos do sujeito de identidade surda, como esclarece Porto e Peixoto (2011;168,169):

Na atualidade podemos considerar três tipos de produções literárias visuais. A primeira está relacionada à tradução para a língua de sinais dos textos literários escritos; a segunda é fruto de adaptações dos textos clássicos a realidade dos Surdos e por fim, o tipo que realmente representa o resgate da literatura Surda que é a produção de textos em prosa ou verso feitos por surdos.

Com base na afirmativa acima, neste estudo não trabalharemos com a literatura traduzida e nem com a adaptada, nos deteremos às produções poéticas originais de um autor surdo, pois como vimos é o tipo da literatura visual que reflete um verdadeiro resgate das produções literárias da comunidade surda.

Peixoto (2016) catalogou 70 obras poéticas de poetas surdos, dentre eles o poeta popular Maurício Barreto com o maior número de publicações na época (22 poesias sinalizadas). Atualmente a quantidade de suas obras originais e inovadoras, do gênero narrativo e poético, com registros em Libras, tanto na modalidade sinalizada como na modalidade escrita, aumentaram consideravelmente.

Fato este que favorece, a realização desta inédita pesquisa proposta com abordagem semiótica e, conseqüentemente a valorização e divulgação de suas obras. O ineditismo da pesquisa, consiste no fato de que não será realizado apenas uma catalogação das obras do poeta popular estudado, mas também será realizada uma análise profunda do sentido de uma de suas obras.

Vale ressaltar que este poeta surdo nordestino (baiano), é diferente dos poetas clássicos da Literatura Surda como o pioneiro Nelson Pimenta e sua discípula Fernanda Machado, entre outros. Este poeta popular possui um estilo totalmente singular que se molda a cada apresentação ao vivo nos eventos que ele é convidado a se apresentar com poemas, narrativas e músicas sinalizadas de sua autoria.

O autor do presente projeto de pesquisa ao cursar a disciplina de Estágio Supervisionado de Ensino de Literatura Visual, teve o primeiro contato com duas obras deste brilhante poeta, as poesias *O Farol da Barra* e *História em Libras*.

O conhecimento sobre a existência do trabalho artístico deste poeta surdo, que além de apresentar um estilo de sinalização ritmado próprio, uma expressão facial e corporal enfática, ainda edita seus próprios vídeos, enriquecendo seus textos sinalizados com informações visuais importantes para a comunidade surda, impulsionou uma busca por outras produções literárias de autoria dele.

Então, depois de conhecer melhor suas obras poéticas com registro fílmico publicadas gratuitamente na internet, foi possível selecionar uma poesia para a realização de uma análise semiótica, proposta neste trabalho, com o intuito de propagação e valorização do trabalho deste poeta popular nordestino surdo, que muito tem a contribuir, porém, tão pouco conhecido nas demais regiões do Brasil. A poesia de Maurício Barreto que será objeto de estudo e análise nesta pesquisa em nível de mestrado, consiste na obra *24 de abril Lei da Libras* (publicada em 24 de abril de 2015 no seu canal de youtube). Obra esta repleta de importantes elementos da história e da cultura surda, um vasto território para o estudo semiótico.

Nesse sentido, e fundamentado em autores da Semiótica Greimasiana como Rastier (2010) Batista (2004), Fiorin (1989) e Barros (2002), autores da cultura, Hall (1997) e Strobel (2008), e por fim autores da Literatura Surda, Peixoto (2016), Machado (2013) e Sutton-Spence (2008), estudar o texto sinalizado do gênero literário poesia, com autoria de um poeta popular é muito importante para evidenciar a ideologia compartilhada na comunidade surda, além de promover a preservação e a valorização desta herança cultural, que é a literatura surda.

2. A Literatura

Focar esta pesquisa no estudo sobre a vida e obra de um poeta popular nordestino surdo, consiste no reflexo do contexto atual de reconhecimento e valorização das produções literárias da comunidade surda brasileira. Quanto a isto, a autora Sutton-Spence (2008, p.339) afirma:

A poesia em língua de sinais, como a poesia em qualquer língua, usa uma forma elevada da língua ("sinal arte") para produzir efeito estético. [...] Utilizar línguas de sinais em um gênero poético é um ato de empoderamento em si, para pessoas surdas, enquanto membros de um grupo linguístico minoritário oprimido. Por muito tempo, a população surda foi levada a acreditar que o inglês era a língua a ser usada para situações formais e que a "sinalização surda" tinha um status baixo e deveria ser usada, apenas em conversas sociais. Pessoas surdas e ouvintes achavam que a poesia deveria ser escrita apenas em inglês, devido ao status dessa língua.

Nesta afirmativa, a autora apresenta a produção poética como um ato de empoderamento, além disso, esclarece como é recente este reconhecimento e valorização das obras em Língua de Sinais, como constatamos a seguir:

Referindo-se a Língua de Sinais Americana, Alec Ormsby afirmou que, antes dos anos 70, não existe registro poético na ASL, porque o registro poético era socialmente inconcebível e, enquanto permanece socialmente inconcebível, seria linguisticamente inviável. O mesmo é válido para BSL. Entretanto, nos anos 70, surgiram algumas mudanças relacionadas à consideração da poesia em línguas de sinais não apenas como concebível, mas também como uma realidade (SUTTON-SPENCE, 2008, p.340).

Mas existe uma probabilidade que as manifestações literárias do Povo Surdo já existissem antes de 1970. Em Porto e Peixoto (2011, p.168) encontramos que:

Em meados do século XVIII e até a penúltima década do século XIX os movimentos sociais dos Surdos e a formação das comunidades surdas possibilitaram que estes também exercitassem de modo literário sua língua. No entanto, com o advento do oralismo em 1880 e conseqüentemente com o esfacelamento das comunidades surdas, grande parte deste acervo se perdeu, pois, como a língua de sinais ainda não tinha registro escrito, toda a sua produção existia apenas nas mentes dos participantes das comunidades e eram passadas de pessoa para pessoa.

As autoras nos conduzem a reflexão sobre a existência de uma tradição de produções literárias transmitida entre gerações através da Língua de Sinais,

com origem na cultura surda que expressa artisticamente valores, crenças, vivências e sentimentos.

Partindo deste contexto, neste capítulo apresentaremos alguns conceitos e definições básicas para o desenvolvimento deste estudo, através de uma revisão de pesquisas e estudos anteriores desenvolvidos sobre a temática.

Através da busca dos termos “poeta popular surdo”, “poeta nordestino surdo”, “arte surda nordestina”, “vida e obra do poeta surdo Maurício Barreto”, nas diferentes plataformas (google acadêmico, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Periódicos da Capes, UFSC e UFPB, não foram encontrados nenhuma pesquisa de nível de mestrado e doutorado, bem como artigos e/ou capítulos.

Sendo assim, esta informação só comprova o ineditismo deste trabalho, bem como o espaço e a necessidade para o aprofundamento de diversas discussões sobre a literatura surda e não limitarmos esta manifestação artística tão importante em estudos voltados apenas para o ensino da literatura como pretexto para o ensino de língua. Este é um vasto e rico campo a ser explorado que permite a realização deste estudo com abordagem semiótica sobre a obra e a vida do poeta popular surdo Maurício Barreto.

2.1 Arte e cultura Popular

Uma das formas de manifestações que desde os tempos mais remotos acompanham o ser humano, é a arte e suas vertentes. O termo arte tem origem na palavra do latim “ars” e em grego, corresponde a “*tékne*”, que denotam técnica para produzir ou criar algo. Partindo deste entendimento, arte é o fruto da cultura de cada povo, dos valores, das ambições e da subjetividade humana. Ela consiste na atividade humana de ordem estética, revelando-se por meio de diferentes linguagens, como: arquitetura, desenho, escultura, pintura, escrita, música, dança, teatro e cinema, além das uniões entre elas.

O conceito de cultura, assim como o de arte, não é unânime. Por isso, trouxemos alguns conceitos que conversam entre si. Para Cuche “A cultura, é a soma dos saberes acumulados e transmitidos pela humanidade, considerada como totalidade, ao longo de sua história” (Cuche, 2002, p.21).

Enquanto que para Thompson (*ibid.*, p. 173) “[...] a cultura de um grupo ou sociedade é o conjunto de crenças, costumes, ideias e valores, bem como os artefatos, objetos e instrumentos materiais, que são adquiridos pelos indivíduos enquanto membros de um grupo ou sociedade”.

Para esta pesquisa, adotamos o conceito apresentado por Hall, (1997, p.20): “A cultura que temos determina uma forma de ver, de interpelar, de ser, de explicar, de compreender o mundo”

De acordo com Hall (1997, p.5) “toda ação social é cultural. Todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação”. O autor defende que a cultura abrange crenças, conhecimentos, moral, leis, costumes, artes e demais produções culturais de um povo ou comunidade, produções estas que ele denomina de artefatos culturais.

Em relação as artes, estas estão intimamente relacionadas a cultura de um povo. E assim como White (2009) pondera que o homem e a cultura são inseparáveis, ou seja, um não existe sem o outro. Entendemos que a arte e a cultura também formam uma relação essencial.

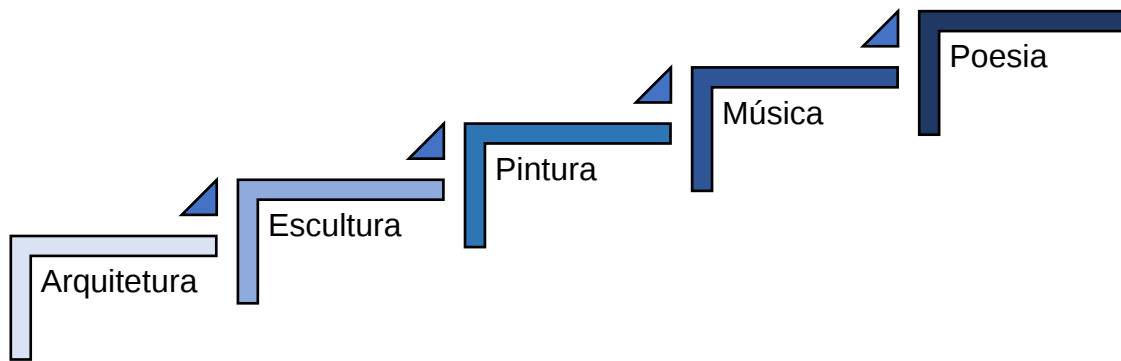
Hegel (2001) traz a arte como uma necessidade universal. “A necessidade universal da arte é, pois, a necessidade racional que o ser humano tem de elevar a uma consciência espiritual o mundo interior e exterior, como se fora um objeto no qual ele reconhece o seu próprio si-mesmo.” (Hegel 2001, p.53)

O autor enxerga na arte a maneira de exteriorizar e materializar o seu eu, o mais íntimo de si. É tornar material o que outrora era imaterial e invisível. [...] a obra de arte pertence ao interior subjetivo enquanto um produto seu que ainda não nasceu para a efetividade, e sim primeiramente se configura na subjetividade criadora, no gênio e no talento do artista. Hegel (2001, p. 281).

O autor ainda propõe uma categorização das artes, divididas em três grandes grupos, a arte simbólica, a arte clássica e a arte romântica. E ainda cria uma subcategoria que chama de artes particulares, que ele elenca pertencer a: arquitetura, escultura, pintura, música e poesia (Hegel, 2001).

Dentre essas categorias, o filósofo propõe uma hierarquia entre as artes, em que a arquitetura é vista como a arte menos elevada, pois ainda possui uma relação de dependência material, logo uma arte menos espiritual e a poesia como a de mais alto nível artístico e espiritual. (HEGEL, 2001).

Imagem 1 - Hierarquia das Artes



FONTE: Elaborado pelo autor

Quanto a poesia estar no mais alto nível das artes, para o filósofo Hegel, se dá por esta ser “[...] adequada a todas as Formas do belo e se estende sobre todas elas, porque seu autêntico elemento é a bela fantasia, e a fantasia é necessária para toda produção da beleza, seja qual for a Forma a que pertença.” (HEGEL, 2001, p. 103).

A arte enquanto necessidade humana, individual, sofre influência de fatores externos a obra e ao artista.

A obra de arte, dada a sua natureza ao mesmo tempo material e individual, nasce essencialmente de toda espécie de condições particulares, dentre as quais estão especialmente a época e o lugar de nascimento, a individualidade determinada do artista e, principalmente, o nível de aperfeiçoamento técnico da arte (HEGEL, 2001, p. 56).

Dessa forma, partindo das definições de cultura, arte, e suas diferentes manifestações, passamos para a compreensão do que vem a ser a cultura do povo, ou seja, a popular:

Na definição do dicionário (HOUAISS, 2001) trata-se de “que pertence ao povo; que concerne ao povo. [...] Realizado ou construído por pessoas com pouca ou nenhuma instrução.

Ou seja, uma cultura proveniente do povo e para ele. Que de acordo com Bakthin (1987, p. 06) é “um modo de viver que caminha paralelo à cultura erudita [...] e tem como principal característica a liberdade de expressão, de qualquer dogmatismo” Não há a necessidade de prender a regras. É a forma que o artista encontra de se expressar, se comunicar.

A cultura popular perpassa gerações, e muitas vezes não possui registro, ficando apenas na memória de quem viveu aquele momento. E assim como na

definição apontada pelo dicionário “pessoas com pouca ou nenhuma instrução” no que tange a ciência proveniente de uma educação formal, mas, um povo com conhecimento de vida.

As produções populares têm sua origem na oralidade, e com o desenvolvimento da escrita possibilitou o registro destas, e uma das formas, mais conhecidas até os dias atuais é chamada de cordel. É uma literatura que agrega os valores tradicionais, mas interage também com o mundo moderno através de artefatos tecnológicos. (SANTOS, 2017. p.39).

As produções literárias populares falam sobre o seu povo, suas crenças, sua tradição, conversando na mesma língua.

A Literatura Popular engloba um número vasto de expressões literárias, algumas vezes de autoria desconhecida e datando de épocas antigas da nossa língua, o que permite considerar sua tradicionalidade. A distinção do que é popular, nem sempre, é apresentada com clareza ao público que passa a restringir seu significado apenas à cantoria ou ao cordel. Entretanto, trata-se de uma literatura, de formas e gêneros diversos, feita pelo povo e para o povo, na linguagem que ele conhece, do jeito que ele sabe dizer, espontânea e simples, mas muito importante porque traduz seus valores e sua ideologia. Se quisermos conhecer uma comunidade, comecemos por estudar suas manifestações populares e aí estaremos penetrando em sua alma. (BATISTA, 2004, p.18)

A autora acima aponta que para estudar as produções populares, faz-se necessário conhecer o povo a qual o artista pertence. Conversando com o que Rastier (2002: p.4) diz: “os fatos humanos e sociais são construções interpretativas”. Pois, entende que a obra é o produto final do conjunto de valores, situações, língua e pessoas que o cercam.

Algumas obras de artistas populares nordestinos foram escolhidas para representar o que os autores acima descrevem.

Imagem 2 – A escultura popular



Fonte: <https://epoca.globo.com/cultura/noticia/2018/04/uma-viagem-em-busca-dos-artistas-populares.html>

A obra da Imagem 2 é de Bento, morador da cidade Sumé, na Paraíba, que encontrou na arte uma forma de se reinventar. Ele transforma pedaços de madeira em bichos, e costuma dizer que “A melhor parte de viver é criar”.¹

Imagem 3 – Do simples a arte



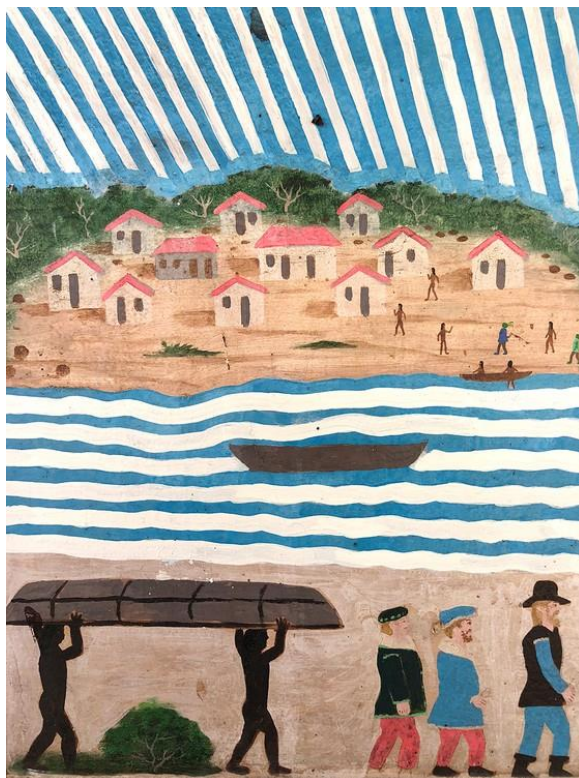
Fonte: <https://epoca.globo.com/cultura/noticia/2018/04/uma-viagem-em-busca-dos-artistas-populares.html>

Zé Bezerra, é o artista que produziu a obras acima, ele é morador do Vale do Catimbau, no estado de Pernambuco. Zé busca troncos de árvores caídos para usar como matéria prima para suas obras.

A pintura também conta com produções populares, como a do artista Jeovah Santos, de Teresina – PI. Suas obras já estiveram presentes em mais de 50 exposições espalhadas pelo mundo.

¹ Informações e imagens retiradas do artigo: Uma viagem em busca dos artistas populares, da revista época, disponibilizado no link <https://epoca.globo.com/cultura/noticia/2018/04/uma-viagem-em-busca-dos-artistas-populares.html>

Imagem 4 – A cultura em tela



Fonte: <https://epoca.globo.com/cultura/noticia/2018/04/uma-viagem-em-busca-dos-artistas-populares.html>

Jeovah aprendeu a pintar e esculpir sozinho. Assim como a maioria dos artistas da cultura popular. Sua região, traços religiosos e o folclore são temas constantes em suas obras.

Ao direcionar o foco para a arte da palavra, é importante compreender que a literatura popular não se limita ao cordel ou as narrativas de modalidade oral, e ainda, dialoga com outras artes, como aponta Batista,

Os gêneros literários de expressão popular se diferenciam por uma enunciação, muitas vezes híbrida e enriquecida por outras linguagens, como o canto, o gesto, a dança, que a transformam em um espetáculo semiótico de grandes proporções. BATISTA (2013, p. 3)

Assim como, as manifestações culturais e artísticas têm uma riqueza de conhecimento a ser contemplada, os artistas que as produzem também. Estes, frequentemente anônimos, são pessoas de vida simples, muitas vezes sem instrução formal, mas dotadas de um talento, capacidade criadora e expressividade singulares. E quando pensamos no povo surdo e em suas produções artísticas, o que poderemos esperar?

2.2 Arte e cultura Surda

Quando falamos das produções de um sujeito e sua cultura, faz-se necessário lembrar que esta pessoa vem acompanhada de conceitos pré-estabelecidos que o compõe. E quando delimitados este público, as pessoas surdas, alguns conceitos precisam ser elucidados, como é o caso da diferença entre comunidade e povo surdo.

Para conceituar, partimos da definição do dicionário. E de acordo com Houaiss (2001), povo é “conjunto de pessoas que, embora não habitem o mesmo lugar, possuem características em comum (origem, religião etc.).” E esta definição conversa bem com o que Wrigley diz: “surdez é um país sem um ‘lugar’ próprio. É uma cidadania sem uma origem geográfica” (1996, p.11).

Quando falamos povo surdo, estamos nos referindo a sua totalidade, independente de nação, língua de sinais utilizada, mas o ser surdo que habita qualquer lugar. Perlin (2014) traz uma reflexão muito importante para essa temática:

No contexto do povo surdo, os sujeitos não distinguem um de outro de acordo com sua surdez. O mais importante para eles é o pertencimento ao povo surdo por meio do uso da **língua de sinais** e da **cultura surda**, que os ajudam a definir as suas identidades. (PERLIN, 2014. p.26) (grifo nosso).

Em contrapartida, comunidade, segundo Houaiss (2001) é o “conjunto de pessoas que convivem em comunidade num determinado território; nação, sociedade [...] População que habita um lugar e partilha dos mesmos interesses.” Assim como a definição dada pelo dicionário, os autores Padden e Humphries explanam que:

Uma comunidade surda é um grupo de pessoas que vivem num determinado local, partilham os objetivos comuns dos seus membros, e que por diversos meios trabalham no sentido de alcançarem estes objetivos. Uma comunidade surda pode incluir pessoas que não são elas próprias Surdas, mas que apoiam ativamente os objetivos da comunidade e trabalham em conjunto com as pessoas Surdas para alcançar. (Padden e Humphries, 2000, p.5)

As comunidades surdas, diferente do povo, compartilham de uma localização. E assim como os autores acima apresentaram, não é formada apenas por pessoas surdas, mas todas aquelas que possuem algum tipo de envolvimento, seja ele, familiar, profissional, e etc.

E assim como, em todas as sociedades, as comunidades, a partir da sua união, encontram uma forma de manifestar sua subjetividade, as lutas em

comum, seus valores. E muitas vezes a forma encontrada para se fazer enxergar, é através das artes e as produções culturais. Para a comunidade minoritária, surda, isso não é diferente.

Não estamos falando apenas de materiais palpáveis, mas de tudo o que envolve a complexidade dos sujeitos. A pesquisadora Karin Strobel, também discorre a este respeito “[...] o conceito ‘artefatos’ não se refere apenas a materialismos culturais, mas àquilo que na cultura constitui produções do sujeito que tem seu próprio modo de ser, ver, entender e transformar o mundo” (STROBEL, 2008, p. 35).

Quando pensamos em cultura (não só a cultura surda), a arte é enraizada nesses conceitos. Kotter e Heskett (1994, p. 4) diz que cultura é “a totalidade de padrões de comportamento, **artes**, crenças, instituições e todos os outros produtos do trabalho e do pensamento humano característicos de uma comunidade ou população, transmitidos socialmente”. (grifo nosso)

E a definição de cultura surda caminha junto com o conceito acima apresentado e aqui optamos em apresentar o conceito trazido por uma autora surda:

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das ‘almas’ das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as idéias, as crenças, os costumes e os hábitos de povo surdo. (STROBEL, 2008, p.22)

A autora acima citada, traz reflexões importantes acerca da identidade e da cultura surda, os elementos que a compõem, e a língua ganha destaque:

A língua de sinais é uma das principais marcas da identidade do povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal. Strobel (2008, p.44)

Esses conhecimentos adquiridos e perpassados, são motivos de orgulho para os sujeitos que pertencem a esta cultura, pois é através dela “que reforça os vínculos que os unem com as gerações surdas mais jovens.” STROBEL (2008, p. 59).

O contato surdo-surdo, mesmo que de gerações diferentes, é algo valioso e que precisa ser preservado. Sabemos que outrora não havia recursos que

viabilizasse o registro das obras literárias dos surdos. Sendo assim, a única forma de manter acesa a chama literária era passar de geração em geração suas criações.

Os sujeitos surdos que têm acesso à língua de sinais e participação da comunidade surda têm maior segurança, autoestima e identidade sadia. Por isto é importante que as crianças surdas convivam com pessoas surdas adultas em que se identifiquem e ter acesso às informações e conhecimentos no seu cotidiano. (Strobel, 2008, p.45)

Os estudos sobre a cultura surda avançaram de maneira significativa, quando embasada teoricamente em Hall, a autora Strobel (2008) categorizou as produções culturais do povo surdo em oito tipos: experiência visual, linguístico, familiar, literatura, artes visuais, vida social e esportiva, política e materiais. Em sequência, Peixoto (2016) aponta outra categoria, o Religioso.

Para tanto, é relevante que haja pesquisas e estudos como este sobre as produções culturais do sujeito surdo, com um olhar voltado para as manifestações artísticas.

Em todas as sociedades, a **arquitetura** é evidenciada enquanto uma produção artística, e quando pensamos no povo surdo, essa manifestação também está presente. Principalmente no quesito acessibilidade, pois, embora a maioria dos surdos não apresentem limitação física ou motora, a estrutura dos ambientes, podem ou não limitar a sua comunicação.

Pensando nisso, a Universidade de Gallaudet, Washington, criou um conjunto de diretrizes, conhecido também como SpaceDeaf, em que apresentam como os espaços adequados possibilitam a comunicação dos surdos, uma vez que esta se dá através das mãos e da visão (artefato linguístico, experiência visual e vida social). Hansel Bauman, diretor de design e planejamento de campus da Gallaudet disse que “a clareza com que uma pessoa surda se comunica está relacionada à clareza e ordem do que está ao seu redor”²

² Informações colhidas no site: <https://www.bloomberg.com/news/articles/2012-03-27/designing-a-city-for-the-deaf> acessado em 14 de outubro de 2020.

Imagem 5 – Espaços pensados para surdos



Fonte: <https://www.bloomberg.com/news/articles/2012-03-27/designing-a-city-for-the-deaf>

As **esculturas** são uma linda forma de expor ao mundo externo o que se passa internamente. E atualmente, temos o privilégio de poder contemplar as produções de escultores surdos de todo mundo, através do acesso à tecnologia.

Um dos canais que expõem essas criações dos artistas surdos é o site *culturasurda.net*, de onde retiramos a obra a seguir:

Imagem 6 – A surdez gerada



Fonte: <https://culturasurda.net/2014/09/02/jamaluddin-ansari/>

A escultura acima foi criada por Jamaluddin Ansari, artista plástico indiano, que se dedica as esculturas, principalmente com materiais de origem metálica, de madeira, plástico, mármore e vidro.

A obra apresentada, foi intitulada de “Born Deaf” (Nascido Surdo), que retrata um bebê (artefato familiar) gerado em uma orelha.

Por conseguinte, a **pintura e o desenho**, também elucidam as produções culturais do povo surdo. É uma ferramenta, muitas vezes, de resistência diante de uma sociedade opressora, bem como, carrega um viés identitário e político.

Imagem 7 – Comunicando através das tintas



Fonte: obras retiradas do site culturasurda.net

Ambas as obras são de artistas surdos. A primeira é de Kim Anderson, norte americana. A obra é intitulada de “Os três elementos e o quarto elemento”. Kim, expõem em suas pinturas a luta e à resistência do povo surdo, a valorização da língua de sinais (para ela a American Sign Language - ASL), as denúncias contra as atitudes preconceituosas vivenciadas pelo povo surdo. E por outro lado, a segunda obra é da artista Melissa Regas, que tem por título “Inclusão” e a principal características das suas obras é a luta pelos direitos das pessoas com deficiência nas artes (artefato político).

Outra manifestação cultural é a **música**, porém esta, nem sempre é apreciada, alguns surdos apreciam, porém outros não. Com base nisso, “respeitando a cultura surda, substituindo as músicas ouvintizadas, surgem artistas surdos em diferentes contextos como músicas-sem-som, dançarinos” [...] (STROBEL, 2008, p.70). E ainda que não seja um destaque na cultura surda, faz parte do mundo, logo, os surdos tem conhecimento da sua existência, muitas vezes fazem traduções, adaptações sensoriais e também criam músicas, associando as particularidades do seu povo.

Imagem 8 – Os sinais em ritmo



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=EkNYqupAXPU&t=27s>

A imagem acima retrata o autor, poeta e artista surdo Maurício Barreto, sinalizando uma música autoral. Ele insere ritmo e movimento aos seus sinais, caracterizando uma produção musical, ainda que sem som.

O **teatro** enquanto a arte da representação, não limita as produções dos sujeitos surdos. Na verdade, nesta produção cultural é esperado que os atuantes sejam pessoas com boa expressividade, e que consigam comunicar algo ao seu público. Abrindo portas as pessoas surdas, que tem as expressões faciais e corporais como características gramaticais pertencente a sua língua.

Imagem 9 – A arte de representar



Fonte: http://estadodacultura.sp.gov.br/files/project/394/teatro_para_surdos_-_relat%C3%B3rio.pdf

A atriz e contadora de história, Verônica Nobili foi uma das orientadoras, em uma oficina de teatro voltada para os surdos (imagens acima), promovida pela Secretaria do Estado de São Paulo e disse que “o surdo é um ‘trabalho

corporal' por si só, falam, agem, interagem, entendem com a totalidade do corpo"³

Uma outra forma de uso da linguagem corporal para produções artísticas culturais é o **cinema**. E assim como no teatro, a participação bem como a criação de produções de pessoas surdas vem crescendo.

Imagem 10 – Sinais nas telas



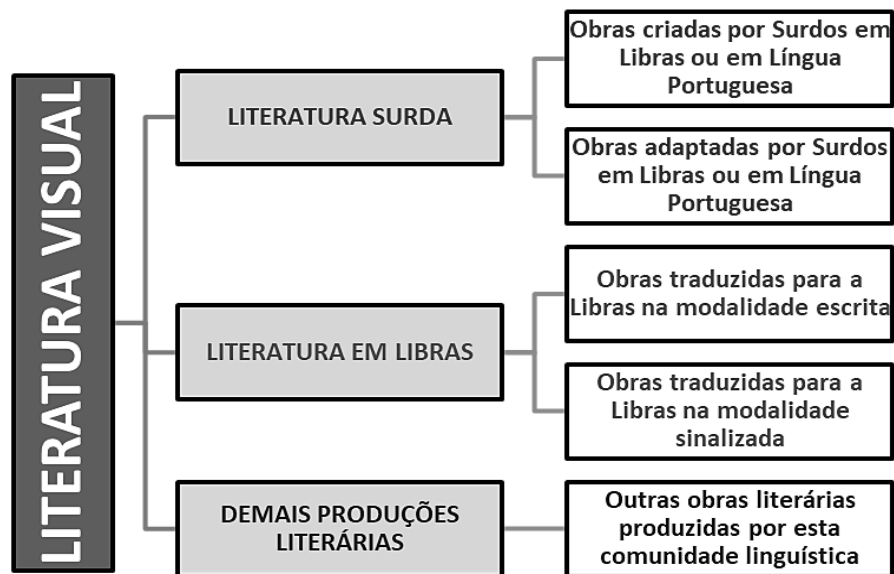
Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=7vc3hS8UPos&t=162s>

Na imagem acima, vemos o exemplo do projeto Filme Feito Por Surdos, criado por surdos de João Pessoa, Paraíba (de onde honrosamente escrevo). Atualmente somam 10 curtas disponibilizados em seu canal do Youtube.

E por fim, na escala de produções artísticas, temos a **Literatura**, que é objeto deste trabalho. As manifestações literárias do povo surdo vêm crescendo, e em paralelo, os estudos voltados a essa área também. É possível encontrar estudos que trazem termos diferentes a essa área, como, literatura visual, literatura surda, literatura em libras. Em relação a isto, Peixoto (2020) organizou um fluxograma que define bem cada uma dessas categorizações e que utilizamos neste trabalho.

³ Informações colhidas no projeto Teatro para Surdos, realizado com apoio do Governo de São Paulo – Secretaria de Estado da Cultura – Programa de Ação Cultural – Edital N° 37 / 2015.

Imagem 11 – A literatura visual



Fonte: Peixoto (2020, p.93).

Com base nessa definição, as obras apresentadas a seguir, fazem parte do acervo da literatura surda, pois foram adaptadas (recriadas) por surdos.

Imagem 12 – Os sinais e a *littera*

Fonte: youtube.com

A primeira obra é a fábula da arca de Noé, que ainda que possua um nome referente a uma história já existente, o seu enredo é inovador. Criado por Claudio Mourão, um autor surdo. A segunda obra da literatura surda apresentada é a adaptação do “patinho feio” em “patinho surdo” realizada por Fabiano Rosa e Lodenir Karnopp.

Além desta categorização, vale destacar um recurso artístico literário do povo surdo, que cada vez mais, vêm ganhando espaço é o Visual Vernacular (VV):

O VV representa a arte sistematizada, uma criação visual estética das línguas de sinais. Trata-se de uma forma de articular os sinais, relacionando ao espaço os classificadores, as técnicas de performance, incorporando a representação dos objetos, animais e pessoas além das ações da mídia cinematográfica (BAUMAN, 2006).

Imagem 13 – Novos caminhos



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=UCIEc_JGxWg

A obra da autora surda Renata Rezende classificada como Visual Vernacular – VV, tem como título “O gato e a mosca”. O Visual Vernacular é conhecido popularmente na comunidade surda como ‘sinais em 3D’, pois este recurso artístico e poético/narrativo faz uso de elementos como: “expressões faciais e movimentos do corpo associados a sinais, classificadores e gestos que fazem com que o personagem ou mesmo a paisagem se desloquem à velocidade que se deseja demonstrar [...] (PIMENTA, 2012, pág. 78). Criando assim, essa sensação de que as mãos estão para além das telas.

A literatura criada por surdos (piadas, narrativas, poesias, entre outros), além de ser contada no convívio com seus pares e em comunidade, também

passou a ser disponibilizadas através das redes sociais e então um termo que havia sido criado no século XX voltou a ganhar força, o **folclore surdo**.

O *deaflore* – folclore surdo, foi um termo inventado por Carmel (1996) e corrobora com o termo geral que Bascom (1953, p. 26) aponta como sendo o estudo sobre “os costumes, as tradições e as instituições de povos vivos” se relacionando com a área da Antropologia Cultural (Quadros, 2006).

O termo *deaflore* consiste na própria experiência de ser surdo. O folclore carrega a identidade dos seus. Uma outra forma de apresentar a cultura surda, algo do povo para o povo.

Imagem 14 – O Festival



Fonte: <https://festivaldefolcloresurdo.com/fotos-2014/>

A imagem acima foi retirada do I Festival de Folclore Surdo que aconteceu em 2014 e teve outra edição o ano de 2016 e a última ocorreu em 2018. Sediados na Universidade Federal de Santa Catarina, onde contou com a participação de artistas surdos reconhecidos nacionalmente e internacionalmente. Um ambiente no qual a cultura surda foi enaltecida. Eventos como este, são muito importantes, pois resgatam o movimento artístico do povo surdo como resistência.

Movimento este, que recebeu o nome de De'VIA (Deaf View Image Art - A Imagem e a Arte na Visão Surda), em 1989, no The Deaf Way (Caminho Surdo), no evento artístico que reuniu mais de 6.000 surdos de diferentes países, na Universidade Gallaudet (EUA), como ato de celebração da cultura surda. Neste evento, os artistas plásticos surdos se reuniram e assinaram o manifesto De'VIA, definindo este movimento, como a arte baseada na temática das experiências surdas, com produções artísticas que geralmente enfatizam às

características faciais, principalmente, olhos, bocas, ouvidos e mãos (Peixoto, 2020).

É notório o crescimento deste movimento, inclusive, dando espaço, às novas tendências, pois em uma breve análise histórica deste movimento constatamos que:

[...] em 2009, no 20º aniversário do movimento, foi publicado um novo manifesto do artista e ativista francês Arnaud Balard, o manifesto do Surdism ou Surdismo, como é chamado em português e que é uma versão expandida do De'VIA, pois inclui outras produções artísticas como: teatro, cinema e literatura (PEIXOTO, 2020, p.35).

Sendo assim, a cada ano, a cada evento que exalta a arte e a cultura surda, e a cada estudo que trata deste assunto, o movimento ganha mais força e visibilidade.

3. A semiótica

Tudo que vimos, ouvimos e sentimos ao nosso redor pode ser um campo vasto para a semiótica adentrar. Neste capítulo abordaremos o que é a semiótica, seu campo de estudo, o que a compõe e sua relação com a cultura.

3.1 Semiótica e Cultura

A teoria denominada de Semiótica é nova, pois somente na década de 1960 conseguiu o reconhecimento como ciência. Os teóricos na área da semiótica se dividem em relação ao estudo do signo e da significação.

Hoje podemos afirmar que existem três grandes linhas de estudos semióticos: a semiótica peirceana baseada nos estudos de Charles Sanders Peirce, a semiótica russa fundamentada nos estudos de pesquisadores como Lótman, Uspenski, Jakobson, Tnianóv, e ainda, a semiótica francesa proposta por teóricos como A. J. Greimas, baseada nos trabalhos de Louis Hjelmslev. (SANTAELLA, 1983)

De fato, a semiótica enquanto ciência é ainda bem recente, porém, o estudo dos signos e da significação coexiste com a filosofia. Vem desde a Idade Antiga, com Platão e Aristóteles. Para Platão (427 - 347 aC), o signo era constituído de uma estrutura triádica, composta por “o nome (*ónoma*, *nómos*); a noção ou ideia (*eîdos*, *lógos dianóema*); a coisa (*prágma*, *ousía*) à qual o signo

se refere” (NÖTH, 1995: p. 28). Anos depois, Aristóteles (384 - 322 ac) apresentou o signo como uma premissa que conduz a uma conclusão (NÖTH, 1995: 29).

Na Idade Média, veio Agostinho, que pensou o signo como “uma coisa que, além da forma (*speciem*) que ela imprime nos sentidos, faz com que a partir dela qualquer outra coisa venha ao pensamento” (Boulnois, 1999: p.18)

Muito tempo se passou, e no início do século XX e fim do século XIX, dois nomes surgiram e foram de suma importância para o desenvolvimento da ciência que hoje estudamos. Charles Sanders Peirce, no campo dos estudos filosóficos e Ferdinand Saussure, que ficou conhecido como o pai da linguística. Sendo ele a propor o termo semiologia.

A semiótica Peirceana (linha americana) considerava o signo, como uma tricotomia: significante (a palavra), significado (sua designação) e o referente (a coisa em si). Percebemos que o objeto de estudo para Peirce é a semiose e não o signo em si, quando diz: “semeiosis significa a ação de quase qualquer signo, e a minha definição dá o nome de signo a qualquer coisa que assim age (Peirce, citado por NÖTH, 1995: 66)”.

A segunda linha da semiótica é a russa, aqui representada na pessoa de Iuri Lotman, que foi um semioticista e historiador cultural soviético, mais precisamente da Estônia, que construiu sua carreira na Universidade de Tártu. Foi também fundador da Escola de Tártu-Moscou de semiótica da cultura. (AMÉRICO, 2012, p. 63.).

A semiótica russa estuda o universo da semiosfera. Como aponta Lotman:

Pode-se considerar o universo semiótico como um conjunto de distintos textos e linguagens fechadas em relação umas com as outras. Então, todo o edifício tem a aparência de estar construído de distintos tijolos. Sem dúvida, parece mais frutífera a abordagem de outra forma: todo o espaço semiótico pode ser considerado como um mecanismo único (mas como um organismo). Então, ele não é um ou outro tijolo, mas o “grande sistema”, denominado semiosfera. A semiosfera é o espaço semiótico fora do qual é impossível a existência da semiose [...] (LOTMAN, 1996, p. 24)

A cultura é um tema recorrente para essa linha de estudos, sendo associado ao texto. [...] A própria existência da cultura pressupõe a construção de um sistema de regras para a tradução da experiência imediata em texto” (LOTMAN; USPENSKII, 1981, p. 37-66). O autor dessa teoria ainda diz que “o texto cumpre a função de memória cultural coletiva” (LOTMAN, 1996. P.19).

A terceira linha de estudos da semiótica é a francesa, adotada por Greimas, seguindo os apontamentos de Louis Hjelmslev. A proposta dele era pautar seu estudo não centrado no signo, mas “refletir acerca das condições pelas quais seja possível um estudo científico da significação” (GREIMAS, 1973, p.14).

O estudo semiótico postula que “o sentido não é algo isolado, mas surge da relação. Só há sentido na e pela diferença.” (FIORIN, 2002. p.132).

Resumindo as três escolas semióticas, Santos (2017) aponta que:

Com base nos caminhos teóricos que percorreu a semiótica, no mundo contemporâneo surgem às abordagens metodológicas norteadas pelas linhas da semiótica norte-americana de Sanders Pierce, de natureza filosófica, a semiótica russa de Lúre Lotman, voltada para o estudo da semiosfera e a semiótica linguística, de linha francesa proposta por Algirdas Julien Greimas, mais conhecida como semiótica greimasiana. (SANTOS, 2017. p. 17)

O desenvolvimento da teoria semiótica abriu portas para que outras áreas surgissem, como por exemplo a sociosemiótica, etnosemiótica, semióticas das culturas. (BATISTA, 2003).

A semiótica das culturas é definida como:

[...] uma semiótica das culturas deve ser, por conseguinte, diferencial e comparativa. Uma cultura não pode ser compreendida apenas do ponto de vista cosmopolita e intercultural. Para cada uma, é o conjunto das outras culturas contemporâneas e passadas que desempenha o papel do corpus. Com efeito, uma cultura não é uma totalidade, porque se forma e desaparece nas trocas e nos conflitos com os outros. RASTIER (2010, P. 5).

Para o autor, “as ciências da cultura são as únicas a poderem dar conta do caráter semiótico do universo humano” (Rastier, 2010, p. 10).

Percebemos que o termo (semiótica das culturas) está no plural, nos fazendo refletir que não possuímos uma cultura única e pura, mas que somos o resultado de diversas culturas que nos rodeiam. Pais diz que:

A riqueza do homem é a sua diversidade linguística, cultural, social e histórica. Como se sabe, a língua e seus discursos, juntamente com as semióticas não-verbais e complexas, conferem a uma comunidade humana: a sua maneira social; a sua consciência histórica; a consciência de sua identidade cultural e sua permanência no tempo. (PAIS, 2009. p. 25)

O autor supracitado também aponta que “a semiótica das culturas é a ciência da interpretação. (Pais, 2009, p. 19). Complementando, ARAÚJO (2016,

p. 30) diz que “a semiótica das culturas investiga a cultura humana através do texto”.

Dessa forma, diante de um campo da semiótica que permite o estudo da cultura humana, em sua forma mais plural, justifica-se que esta seja empregada como meio de analisar as produções culturais dos sujeitos surdos, que naturalmente vivem imersos em duas culturas (a de seu país de origem e a cultura surda).

Associando os estudos envoltos na semiótica das culturas e a semiótica greimasiana, focada no percurso gerativo de sentido. Norteará este trabalho na busca pela análise da arte discursiva, a poesia.

A poesia em língua de sinais, como a poesia em qualquer língua, usa uma forma elevada da língua (“sinal arte”) para produzir efeito estético. [...] Utilizar línguas de sinais em um gênero poético é um ato de empoderamento em si, para pessoas surdas, enquanto membros de um grupo linguístico minoritário oprimido. (SUTTON-SPENCE, 2008. p. 339)

Dessa forma, é através da semiótica que podemos estudar “a relação de dependência que se estabelece entre o conteúdo e a expressão” (BATISTA, 2001, p. 141). E Barros ainda acrescenta:

O texto só existe na dualidade que o define – objeto de significação e objeto de comunicação – e, dessa forma, o estudo do texto com vistas à construção de seu ou de seus sentidos só pode ser entrevisto como o exame tanto dos mecanismos internos quanto dos fatores contextuais ou sócio-históricos de fabricação do sentido. [...] Para explicar — o que o texto diz e — como o diz, a semiótica trata, assim, de examinar os procedimentos da organização textual e, ao mesmo tempo, os mecanismos enunciativos de produção e recepção do texto. (BARROS, 2005, p. 7-8).

Importa para a cultura surda que o discurso produzido pelos sujeitos pertencentes a este povo, através das manifestações culturais, como a despeito das poesias sinalizadas, seja interpretado levando em consideração o contexto sócio-histórico, visando entender o que, como e para quem é falado.

Sendo assim, através dos valores culturais e na busca por uma análise que gere significação, a base teórica deste trabalho se dará na semiótica greimasiana, que detalharemos a seguir.

3.2 Semiótica Greimasiana

Para a semiótica, assim como para tantas outras teorias, o saber não está finalizado (Fiorin, 2002), mas trata-se de um percurso pela busca ao conhecimento. Dessa forma, entendemos que a teoria que hoje recebe o nome de Greimas não fora formulada apenas por ele, mas ao longo do tempo, o seu pensamento inicial foi sendo complementado.

Em relação a teoria escolhida para fundamentar este trabalho de pesquisa, optamos por trabalhar com a semiótica pautada nos estudos de Greimas, conhecida como semiótica greimasiana. No Brasil, a corrente greimasiana é seguida por Cidmar Teodoro Pais, Diana Barros, José Luiz Fiorin, Luiz Tatit e Fátima Batista.

A Semiótica Greimasiana não foca apenas nos aspectos internos do desenvolvimento textual, mas, também, nos fatores externos que influenciam a produção deste (BARROS, 2002, p. 7-8), ou seja, o que o texto diz, como diz e para que diz. Sendo assim, esta vertente da semiótica defende o texto como objeto de significação, um todo de sentido, e como objeto de comunicação.

Seguindo esta maneira de pensar a autora apresenta de forma clara a noção de texto quando afirma: “A semiótica tem por objeto o texto, ou melhor, procura descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz (BARROS, 2002, p. 7).” E ainda elucida sobre o percurso gerativo do sentido:

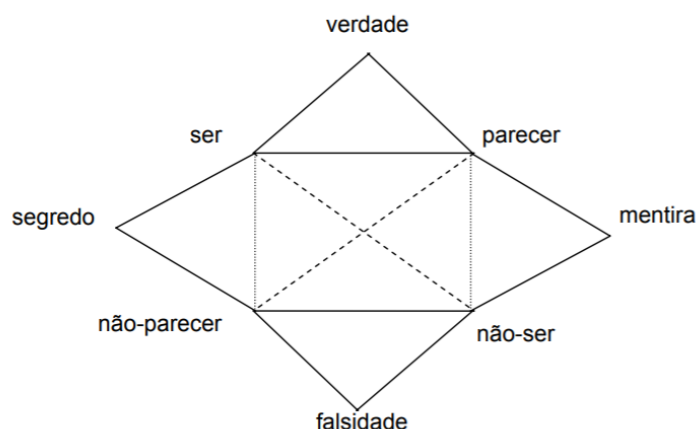
Para construir o sentido do texto, a semiótica concebe o seu plano do conteúdo sob a forma de um percurso gerativo. A noção de percurso gerativo do sentido é fundamental para a teoria semiótica e pode ser resumida como segue: a) o percurso gerativo vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto; b) são estabelecidas três etapas no percurso, podendo cada uma delas ser descrita e explicada por uma gramática autônoma, muito embora o sentido do texto dependa da relação entre os níveis; c) a primeira etapa do percurso, a mais simples e abstrata, recebe o nome de nível fundamental ou das estruturas fundamentais, e nele surge a significação como uma oposição semântica mínima; d) no segundo patamar, denominado de nível narrativo ou das estruturas narrativas, organiza-se a narrativa, do ponto de vista de um sujeito; e) o terceiro nível é o do discurso ou das estruturas discursivas, em que a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação. (BARROS, 2002, p. 8-9)

A ideia do percurso gerativo de sentido parte do sentido de gerar significação. Seguindo três estruturas: a fundamental, a narrativa e a discursiva. Cada uma dessas estruturas pode ser analisada em nível sintático e semântico.

A primeira estrutura analisada é a fundamental. Que pelo próprio conceito em seu nome, pode-se perceber que é basilar para o entendimento do texto. Como também afirma Barros (1990, p.77) “sentido mínimo a partir do qual o discurso se constrói”.

A categoria semântica presente neste nível, dar-se pela relação entre euforia (característica positiva) x disforia (característica negativa). Em que é possível perceber que os elementos em situação de oposição, transformam-se em valores. E a partir dessa oposição gerada, parte-se para o nível sintático que é baseado nas situações de conflitos gerados pela oposição. Esta é comumente representada pelo octógono semiótico, como no exemplo a seguir:

Imagem 15 – O octógono semiótico



Fonte: Retirado do livro Sobre o Sentido: Ensaio Semióticos. Petrópolis: Vozes, 1975

As relações estabelecidas no octógono são baseadas em contrárias (ser x parecer), contraditórias (ser x não-ser; parecer x não-parecer) e de implicações (ser x não-parecer; parecer x não-ser). FIORIN (2005, p.24) resume a sintaxe e a semântica presentes na estrutura fundamental como “instância inicial do percurso gerativo e procuram explicar os níveis mais abstratos da produção, do funcionamento e da interpretação do discurso.

A estrutura narrativa, na sequência, é entendida como intermediária no percurso. É a transformação das oposições (estrutura fundamental) em valores sob a ação do sujeito (humano ou não).

A semântica narrativa é vista como o primeiro passo dessa estrutura, pois é o modo como o sujeito se coloca na narrativa, baseada no *dever*, *querer*, *fazer*,

etc. Ou ainda como elucida a autora “a obtenção dos valores modais é a primeira fase (= qualificação) do percurso narrativo do Sujeito que lhe vai permitir agir. Para realizar algo, ele precisa querer (ou dever), poder e saber fazer. BATISTA (2003, p.65)

A sintaxe narrativa é enxergada a partir de um Sujeito semiótico (S) em busca do seu Objeto de Valor (OV), provocado por um Destinador (Dor), que muitas vezes conta com o auxílio de um Adjuvante, mas que também pode ser prejudicado por um Oponente (BATISTA, 2003).

Ainda no nível sintático narrativo:

A relação Sujeito/Objeto define o enunciado de estado, sendo chamada relação junctiva (ou junção) que representa dois momentos contraditórios: a conjunção (ter ou conservar o Objeto) e a disjunção (não ter alcançado ou conservado o Objeto). (BATISTA, 2001, p.151)

A terceira e última estrutura é a discursiva, compreendida como sendo a mais superficial do percurso gerativo de significação. Tem por base as escolhas realizadas pelo sujeito na narrativa, tais como: tempo, espaço, os atores, as figuras, os temas. Assim como, as duas primeiras estruturas, esta também é subdivida em sintaxe e semântica.

A semântica discursiva é percebida através da figurativização e tematização. A primeira consiste em “transformar em figuras de superfície as figuras do plano do conteúdo, utilizando-se a nomenclatura proposta por Hjelmslev” (BATISTA, 2003. p. 67). Enquanto que a tematização é determinada pelos traços semânticos do texto, que consiste em “extrair do discurso os valores abstratos ali encontrados e organizados em percursos” (BATISTA, 2003. p. 67).

Enquanto que a sintaxe discursiva se dá através da relação entre o sujeito enunciador, o enunciatário e o enunciado (discurso). Essa relação se dá no discurso através do espaço, tempo, pessoa. E como decorrência, gera mecanismos que são chamados de *embreagem* e *debreagem* enunciativa. A *embreagem* enunciativa entende a “proximidade do Sujeito, lugar e tempo, em relação à enunciação e ao enunciado.” (BATISTA, 2003. p. 66). E a *debreagem*, o processo oposto, ou seja, o “distanciamento do Sujeito, do lugar e do tempo da enunciação. Corresponde ao: não-eu; não-aqui e não-agora” (BATISTA, 2003. p. 66).

Importa dizer que, ainda que estejamos abordando três estruturas que geram um percurso de sentido, e que em cada um desses níveis há uma subdivisão em sintático e semântico. Nem sempre é uma tarefa tão fácil separá-los. Essas três estruturas, estão em um vínculo de dependência mútuo, a tal ponto que, uma só existe em razão da outra (BATISTA, 2003), como veremos posteriormente durante a análise.

4. O Corpus

A presente pesquisa consiste em um estudo semiótico com foco na Literatura Surda, com o intuito de promover um melhor conhecimento por parte da sociedade brasileira sobre a cultura surda, sua língua, seus valores e crenças.

Para tanto, nesta parte do trabalho apresentaremos o trajeto metodológico percorrido que tornou possível a execução da pesquisa, a obtenção dos resultados, a análise e as discussões.

4.1 Apresentação

Esta seção é dedicada a apresentação do corpus e o percurso metodológico utilizado para alcançar os objetivos inicialmente desenvolvidos. Tendo como objetivo principal partindo de uma visão da semiótica Greimasiana estudar sobre a vida e obra do poeta popular surdo Maurício Barreto. Neste capítulo conheceremos as obras criadas por esse poeta popular nordestino, além de uma breve biografia e a poesia eleita a ser analisada.

- **Objetivos específicos**

- a) Buscar produções artísticas com autoria de Maurício Barreto
- b) Catalogar obras literárias de todos os gêneros publicadas por Maurício Barreto
- c) Realizar um levantamento biográfico do poeta Maurício Barreto.
- d) Analisar a obra selecionada com base no percurso semiótico de significação nos níveis fundamental, narrativo e discursivo.

4.2 Percurso metodológico

Antes de dar início a uma pesquisa, faz-se necessário ter clareza quanto aos métodos e técnica a serem empregados, para que se tenha coerência durante o desenvolvimento dela. Para alcançar estes objetivos foram realizados os seguintes procedimentos com base numa pesquisa de cunho qualitativo com fundamentação no levantamento e análise bibliográfica de material digital:

1. Levantamento das produções artísticas

Para iniciar a pesquisa realizamos uma ampla investigação nas redes sociais em busca de publicações que retratassem de forma exemplificada as produções do artista popular estudado neste trabalho, para assim obtermos uma visão geral do seu estilo e perfil.

2. Levantamento das produções Literárias

A proposta consistiu em efetuar um resgate literário, listando as obras do autor surdo baiano, através de uma busca de vídeos de domínio público e nas redes sociais do poeta, postadas até a data de 26 de setembro de 2020.

3. Levantamento dos dados biográficos

Nesta etapa foi realizada uma investigação em estudos recentes sobre o poeta popular em estudo, a fim de coletar informações sobre a sua vida e as suas produções artísticas nas diferentes esferas.

4. Análise do percurso de sentido da obra *24 de Abril Lei da Libras* do poeta Maurício Barreto

Esta etapa foi subdividida em três etapas:

a) **Desenvolver um estudo semiótico no nível fundamental.**

Foi realizada a análise da sintaxe e da semântica referente ao nível fundamental do percurso gerativo de sentido da obra selecionada, a poesia *24 de Abril Lei da Libras* do poeta Maurício Barreto.

A análise do nível fundamental desta obra buscou compreender como é apresentada as situações de conflito que geram uma oposição na narrativa. Apresentando-as na forma do octógono semiótico. Além das categorias tímicas enquanto eufóricas e disfóricas.

b) Desenvolver um estudo semiótico no nível narrativo.

A análise da sintaxe e da semântica do nível narrativo desta obra buscou identificar os actantes presentes da narrativa, enquanto sujeitos semióticos que buscam seus objetos de valores, e os demais que podem ou não compor esse cenário. E as relações modais de ser x fazer nas relações dos sujeitos.

c) Desenvolver um estudo semiótico no nível discursivo.

A análise do nível discursivo desta obra buscou perceber quais foram as escolhas realizadas no que tange o tempo, espaço, pessoa. Também visou encontrar os temas e as figuras que o discurso abrange. Além de analisar o papel e a influência do enunciador/enunciado e o enunciatário.

4.3 Maurício Barreto, o poeta popular da comunidade surda nordestina

Neste item apresentaremos a seguir alguns dados obtidos e discussões iniciais da pesquisa no que tange a vida e as obras deste poeta popular.

4.3.1 Surdo

Maurício Barreto Silva, surdo, usuário da língua brasileira de sinais (desde os 17 anos), casado com uma mulher, também surda e pai de três filhos (ouvintes). Nasceu no dia 17 de novembro de 1977 em Jequié, na Bahia.

Estudou na instituição de ensino UniEVANGÉLICA - BA. Não possui curso superior. Trabalha na área de Libras, com cursos e também como instrutor da língua.⁴

Possui dois canais de divulgação do seu trabalho enquanto artista, nas redes sociais. O Primeiro canal foi na plataforma de vídeos Youtube, criado no dia 25 de dezembro de 2010 (<https://www.youtube.com/watch?v=RN-P7JFZBLU>) e atualmente conta com 243 postagens. Depois passou a utilizar também o Facebook, com sua primeira postagem no dia 03 de maio de 2013 (<https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/456188237795707/>), este possui 296 postagens na forma de vídeo.

4.3.2 Artista

Maurício Barreto é um artista popular multifacetado. Suas produções vão desde o teatro, desenho, músicas, até poesias, além de registros artísticos na escrita de sinais. Assim como o perfil dos artistas populares de modo geral, o Maurício é um autodidata em diversas áreas artísticas. O teatro e a música, são exemplos disso, pois o artista não apresenta formação em nenhuma dessas áreas, mas apresenta criações singulares nesse campo.

Imagem 16 – Produções artísticas



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=bsoto1xeB8E>

A primeira imagem retrata a música: HISTÓRIA DE JESUS EM LIBRAS, criada por Maurício Barreto e disponibilizada no dia 06 de abril de 2011, sendo a primeira produção do gênero m seu canal. Enquanto que a segunda imagem,

⁴ Informações retiradas do perfil pessoal da rede social (Facebook) do poeta Maurício Barreto.

é do seu vídeo mais recente, datado do dia 26 de setembro de 2020 e intitulado como: Ritmo Jesus Cristo em Libras.

Imagem 17 – Arte expressa no teatro



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=ygCt-YuS9JA>

A interpretação teatral também faz parte do currículo do artista popular surdo, tanto com participações quanto criação de roteiro (em que ele atua também). Não é o foco das suas produções, mas faz parte do seu histórico. O último vídeo teatral postado foi em 2015 (imagem a direita) com a temática do “Diabo e Deus” e a sua primeira produção disponibilizada foi “A mensagem de Jesus, céus e terra, no ano de 2011.

Atualmente, as produções do artista popular nordestino, são disponibilizadas nos canais: Facebook e Youtube. Algumas obras estão em ambas as plataformas, assim como, possui registros em apenas um dos canais.

4.3.3 Autor

Maurício Barreto enquanto autor é o próprio reflexo da beleza presente na arte produzida na comunidade surda brasileira. Não há no Brasil, em número de obras e frequência de criação, algum poeta surdo como ele. Mas, assim como acontece com os poetas populares, não há a mesma visibilidade que outros, que fazem uso de uma literatura erudita.

Imagem 18: A expressão do humor



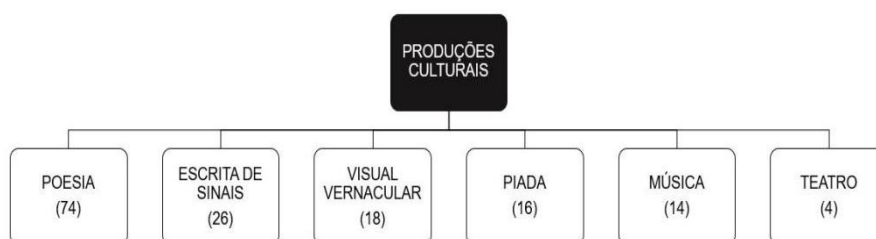
Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=ge_yXTPlj8&t=7s

O gênero humorístico é uma das produções culturais que exprimem as características do seu povo, um traço cultural marcante. As piadas não são tão frequentes quanto as poesias nos canais de Maurício, mas podemos contar com algumas. A primeira postagem do gênero de humor foi no dia 06 de fevereiro de 2002 e a última no dia 22 de setembro de 2020 (ilustradas respectivamente nas imagens acima).

Maurício Barreto tem uma demanda de criação bastante frequente e um dos maiores desafios desta pesquisa, foi delimitar o período de coleta das obras para fins de catalogação, pois a todo momento o artista lançava uma nova obra. Devido a isto, foram selecionadas as obras com data de postagem até 26 de setembro de 2020.

Os dados colhidos que viabilizaram a elaboração da imagem ilustrativa abaixo (Imagem 19), são das produções disponibilizadas nos seus dois canais no Youtube. Somando as obras catalogadas e retirando aquelas que se repetiam, totalizam 152 produções culturais, categorizadas em poesias, produções em escritas de sinais, visual vernacular, músicas, piadas e teatro.

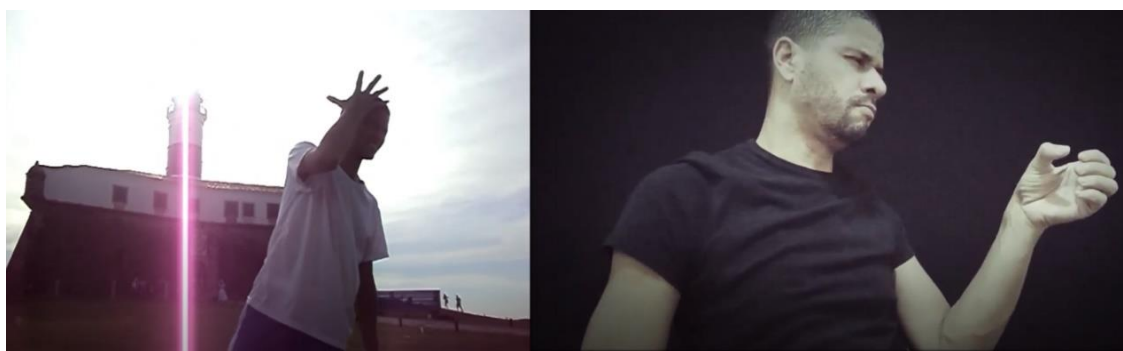
Imagem 19: O acervo criativo



Fonte: Elaborado pelo autor da pesquisa

Com base nestes dados obtidos (Imagem 19), constatamos que entre as artes, a Literatura, sem dúvida tem uma posição de destaque no acervo criativo do autor. Pois, além do seu carro chefe, o gênero poesia (74 produções), a literatura surda abrange também as piadas (16 obras), narrativas ou poesias categorizadas pelo autor como visual vernacular (18), e os textos artísticos registrados em escrita de sinais (26). Com isto, das 152 produções culturais (artísticas) catalogadas, apenas 18 produções não são literárias, são produções teatrais e musicais.

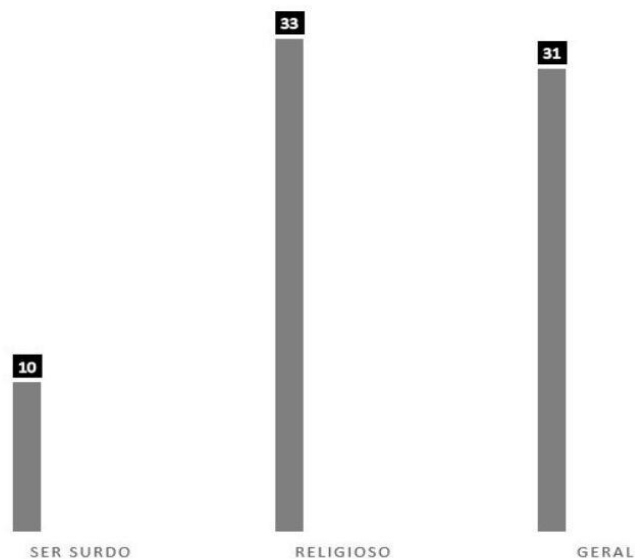
Imagem 20: O ouro nas mãos



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=kMJ9omnVX-8>

Farol da Barra, foi a primeira poesia a ser disponibilizada, no dia 29 de dezembro de 2012 (imagem a esquerda) e a poesia intitulada de *Pecado e Jesus Em Libras*, foi postada no dia 31 de agosto de 2020 e é a mais recente obra poética deste autor, no período estipulado para a coleta realizada nesta pesquisa. Dentre as poesias coletadas, percebemos a predominância temática que representamos na imagem a seguir:

Imagem 21 – Os temas das poesias
POESIAS - MAURICIO BARRETO



Fonte: Elaborado pelo autor da pesquisa

Das 74 produções que catalogamos no período disposto, percebemos que as poesias com temática religiosa compõem quase 50% das suas obras, seguidas de temas que denominamos de geral, que englobam romantismo, fatos históricos, esportes, entre outros. E outro tema de relevância encontrado em suas poesias tratam do ser surdo, que abordam a sua história, a língua de sinais, a cultura surda e outras vertentes que se relacionam a este tema.

4.3.4 Poeta

Maurício Barreto possui apresentação, estilo, ritmo e forma de expressar singular. E ele reconhece essa diferenciação, quando disse em uma entrevista:

Minha forma de movimentação é diferente porque não vem de nenhum outro surdo, vem dos desenhos animados da TV, de filmes de ouvintes. Principalmente dos personagens de desenhos animados que movimentam-se de forma expressiva com musicalidade no corpo, então isso me influenciou. (Maurício Barreto *in* PEIXOTO, 2016, p. 169)

Percebemos a presença da utilização do sinal arte, como apresenta “a poesia em língua de sinais, como a poesia em qualquer língua, usa uma forma elevada da língua (“sinal arte”) para produzir efeito estético.” Sutton-Spence (2008, p.339). E essa estética que a autora fala, está presente nas obras criadas

pelo poeta baiano, que possui um talento nato. E atualmente é o poeta com o maior número de produções poéticas publicadas, além daquelas que são criadas e contadas em encontros e festividades da comunidade surda, que por conseguinte não possuem registro.

5. Análise Semiótica

5.1 Apresentação da Obra

A obra analisada é “24 de abril – lei da Libras” e foi criada e registrada em vídeo pelo poeta popular surdo Maurício Barreto, publicada em 24 de abril de 2015 no seu canal do Youtube.

A poesia possui três minutos e 10 segundos e conta com mais de mil visualizações (no Youtube). Nela o poeta conta a trajetória de uma família (mãe e filho) que passa por diversas fases, desde a gestação, o diagnóstico de surdez, até a criação da lei que reconheceu a Libras como língua da comunidade surda.

Pode-se perceber que a obra sinalizada faz um recorte histórico e social da realidade enfrentada por diversos surdos e seus familiares. É retratado também os diversos contextos que o povo surdo passou até o reconhecimento legal da sua língua. E por isso, acreditamos ser de maior valia, fragmentar a narrativa em quatro (04) momentos para que a análise do percurso gerativo de sentido seja mais minuciosa, afim de abranger a riqueza de detalhes que esta obra carrega.

Dessa forma, cada um dos fragmentos será analisado com base nos três níveis (fundamental, narrativo e discursivo). E estão dispostos da seguinte maneira: 1. Diagnóstico, 2. Negação, 3. Possibilidades e 4. Aceitação. E analisamos seguindo Greimas (1975), partindo do nível narrativo, seguido do discursivo e por fim o fundamental.

5.2 Diagnóstico

Neste primeiro momento da poesia que compreende a sinalização entre 0:01” - 0:25” é apresentada uma mãe que está gestando seu filho(a) (não há a marcação de gênero em sua sinalização) e sente-se feliz por vivenciar este

momento. Tempos depois o bebê nasce e a preocupação toma o lugar da felicidade, quando a mãe percebe que seu filho é diferente. Ela então, procura um médico que diagnostica seu filho como sendo surdo, causando uma profunda tristeza na mãe.

Imagem 22– Passos para o diagnóstico

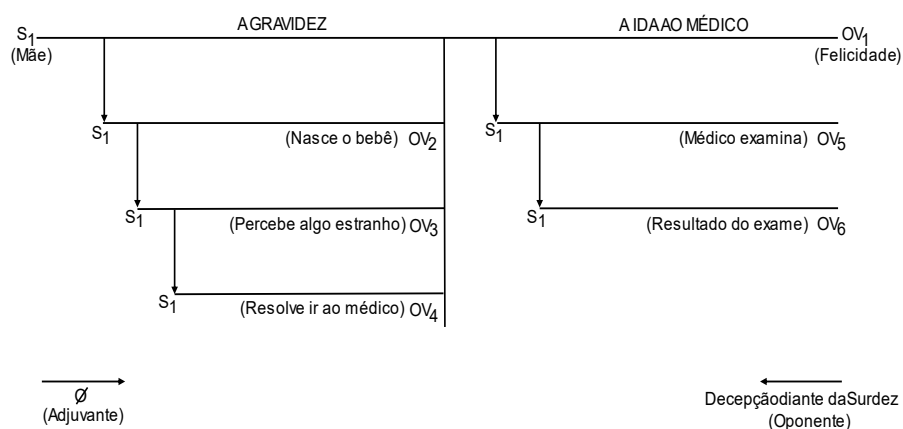


Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=2XE6do_HRsQ&t=1s

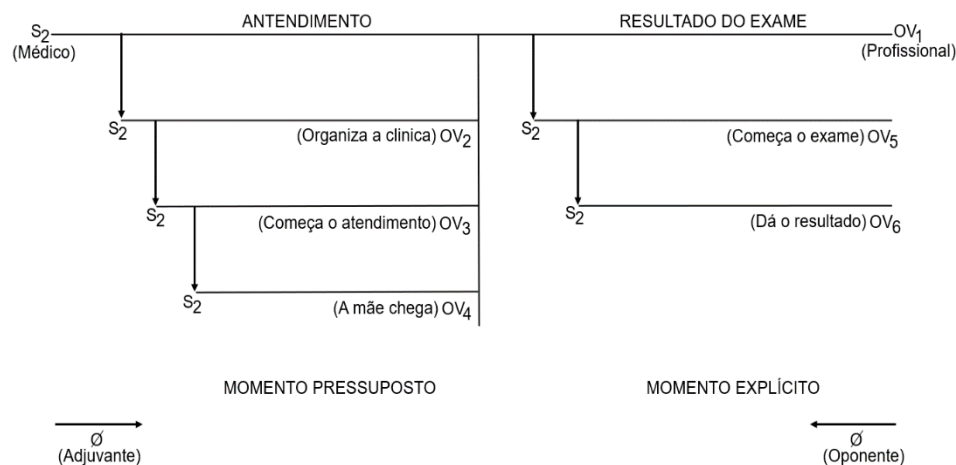
5.2.1 Nível Narrativo

A poesia sinalizada apresenta uma narrativização densa cujo o percurso é dado em quatro estágios, estes nomeados aqui como: o diagnóstico, a negação, as possibilidades e a aceitação. Neste primeiro estágio, observamos as relações entre três sujeitos semióticos: sujeito semiótico 1 (S1) figurativizado na mãe de surdo que, por sua vez, tem como objeto de valor principal a felicidade (OV1) figurativizada no exame médico que indica a condição auditiva do seu filho. S1 se instaura na modalidade de querer-saber qual o motivo de seu filho ser diferente. Para alcançar seu objeto de valor principal, a mãe (S1) passa por dois momentos: a gravidez e a ida ao médico. Tais etapas se instauram a partir do nascimento do bebê (OV2), segue com o estranhamento ao perceber a condição do bebê (OV3), o que a faz decidir ir ao médico (OV4). Nesse momento, S1 encontra-se conjunta ao seu objeto de valor principal, entretanto, quando se instaura o segundo momento, S1 pede que médico examine o seu filho (OV5) e finalmente descobre o diagnóstico através do resultado do exame (OV6). O sujeito semiótico 1 finaliza seu percurso num estado de infelicidade, isto é, disjunto do objeto de valor. S1 se apresenta no percurso como seu autodestinador. O adjuvante, isto é, aquele que possibilita o S1 em sua busca pelo objeto de valor está figurativizado no médico que realiza o exame, o diagnóstico de surdez é a figurativização do oponente de S1 nesse estágio da

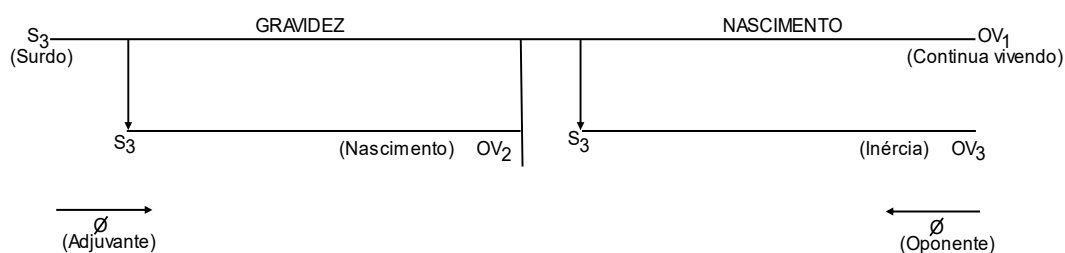
narrativa. Esse percurso e as interrelações do sujeito semiótico 1 podem ser visualizadas no diagrama a seguir:



O sujeito semiótico 2 (S_2) figurativizado no médico que, por sua vez, tem como objeto de valor principal a *ser útil* (OV_1) figurativizado em seu fazer profissional. S_1 se instaura na modalidade de *fazer-saber* qual o motivo que faz do filho de sua paciente uma criança diferente. Para alcançar seu objeto de valor principal, o médico (S_2) passa por dois momentos, sendo o primeiro pressuposto e o segundo explícito, a saber: o atendimento e o resultado do exame. Tais etapas se instauram a partir do momento no qual o médico organiza sua clínica (OV_2), começa o atendimento (OV_3), recebe a paciente (OV_4). Nesse momento, S_2 encontra-se conjunta ao seu objeto de valor principal, pois faz parte de sua profissão prestar o atendimento aos pacientes. No segundo momento, S_2 começa examinar o filho de sua paciente (OV_5) e finalmente cumpre sua função anunciando o diagnóstico no resultado do exame (OV_6). O sujeito semiótico 2 finaliza seu percurso conjunto ao objeto de valor principal. S_2 se apresenta no percurso como seu autodestinador. O percurso de S_2 não apresenta adjuvante ou oponente. Esse percurso e as interrelações do sujeito semiótico 1 podem ser visualizadas no diagrama a seguir:



O sujeito semiótico 3 (S_3) aparece figurativizado no bebê surdo que, por sua vez, tem como objeto de valor principal *o viver* (OV_1). S_3 se instaura na modalidade de *querer-ser* o filho desejado por sua mãe. Entretanto, S_3 não age a fim de alcançar seu objeto de valor, estando numa condição de inércia.



Tomamos o bebê surdo enquanto sujeito embora ele não tenha fala e ação, ele existe e toda a narrativa é construída a partir do seu nascimento, e a inércia na qual ele é submetido está presente em outros momentos da poesia, não só enquanto este é um bebê.

5.2.2 Nível Discursivo

Na poesia “24 de abril – lei da Libras” pode-se encontrar um enunciador distante dos fatos narrados, este apenas transmite uma série de acontecimentos, que embora trate acerca de uma mãe e seu filho surdo e sabendo que o autor desta obra é surdo, em momento algum da sua sinalização deu a entender que

fosse uma narrativa pessoal. Todo o texto é sinalizado de forma a perceber que está em terceira pessoa, ainda que autor utilize um recurso anafórico (denominado também de role-play), que possibilita ao narrador incorporar diferentes personagens ao mudar de posição no seu espaço de sinalização, geralmente virando seu tronco para direita e/ou esquerda, como podemos perceber na imagem a seguir.

Imagem 23 – Incorporação de personagens



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=2XE6do_HRsQ&t=1s

Dessa forma, ainda que não utilize os sinais de “médico” e “mãe”, a marcação no espaço associado ao contexto do que está sendo sinalizado, faz o leitor perceber que quando o narrador se posiciona com seu tronco virado a esquerda está assumindo o papel do médico, e sendo assim, com seu corpo virado para a direita quem assume o texto é a personagem da mãe.

Os actantes não são nomeados, embora saibamos que a individualidade de um ator é marcada por um nome próprio (GREIMAS; COURTÉS, 2012), eles são categorizados em seus papéis como mãe, filho e médico. E essa não individualização dos atores, pode ser atribuída ao fato de querer abarcar a história da comunidade surda e não apenas um único personagem.

O tempo não é marcado de maneira precisa nesta etapa da poesia. Não encontramos em sua sinalização nada que determine o dia, mês, ano ou ainda uma época específica. O narrador inicia sua sinalização já apresentando uma mulher que está grávida (sem determinar também o tempo gestacional). O espaço também não é determinado inicialmente, porém após o bebê nascer e a mãe perceber que ele tem algo de diferente, o diálogo que se segue é realizado em um ambiente clínico, embora não tenha sido apontado nenhum sinal

específico (hospital, consultório, etc.) este está implícito no contexto da sinalização.

Na trajetória percorrida pela mãe, alguns temas foram identificados, tais como: o artefato familiar e a oposição entre a visão antropológica e a visão clínica da surdez.

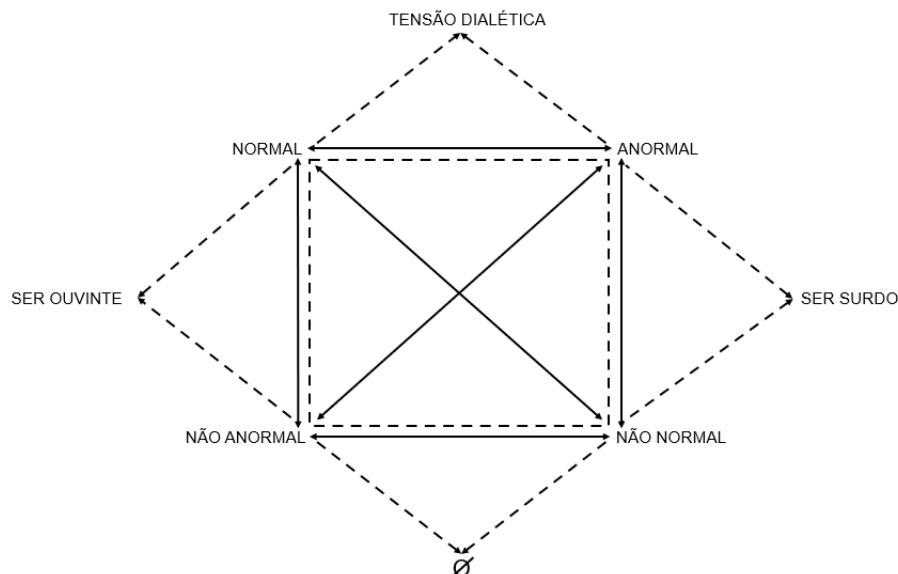
O momento do diagnóstico de um filho com surdez é retratado por vários estudiosos da área e quase sempre marcado por um momento de profundo pesar e tristeza, quando este vem em uma família predominantemente ouvinte. Sentimentos como culpa, frustração, medo, insegurança, acompanham essa fase. E muitas vezes esses sentimentos são aflorados pelos médicos que anunciam a surdez para a família e os fazem perder a ideia de ter um filho perfeito, ou seja, com todos os sentidos e funcionamentos do corpo presentes, como aponta Carvalho:

Não é difícil pressupor que o fato de alguém da família ser identificado por critérios objetivos, médicos ou educacionais, como surdo, constitui-se numa experiência que marca tanto a criança como a família, e que pode alterar o funcionamento intersubjetivo de todos, na medida em que tal diferença impõe, de forma imprevista e definitiva, a perda para sempre da ilusão do filho perfeito. (CARVALHO, 2000, p. 69)

Na narrativa aqui trabalhada, a expressão facial do médico associada ao sinal de “não adianta” ou em outra tradução livre “já era” demonstra a visão negativa que a surdez carrega, imprimindo esse sentimento à mãe.

5.2.3 Nível Fundamental

O nível fundamental representa as oposições que geram conflitos na narrativa. E nesta etapa da poesia, podemos perceber os conflitos gerados as expectativas da mãe e o diagnóstico do médico. Como representado no octógono a seguir:



De acordo com o octógono acima, podemos observar os valores que surgem a partir das interrelações dos sujeitos na poesia. Na parte superior (horizontal), vemos *normal* e o *anormal* que representam a dêixis positiva. Esses elementos se constituem numa relação de contrariedade um do outro. Na parte inferior, temos a dêixis negativa que é dada pela relação entre *não normal* e *não anormal*.

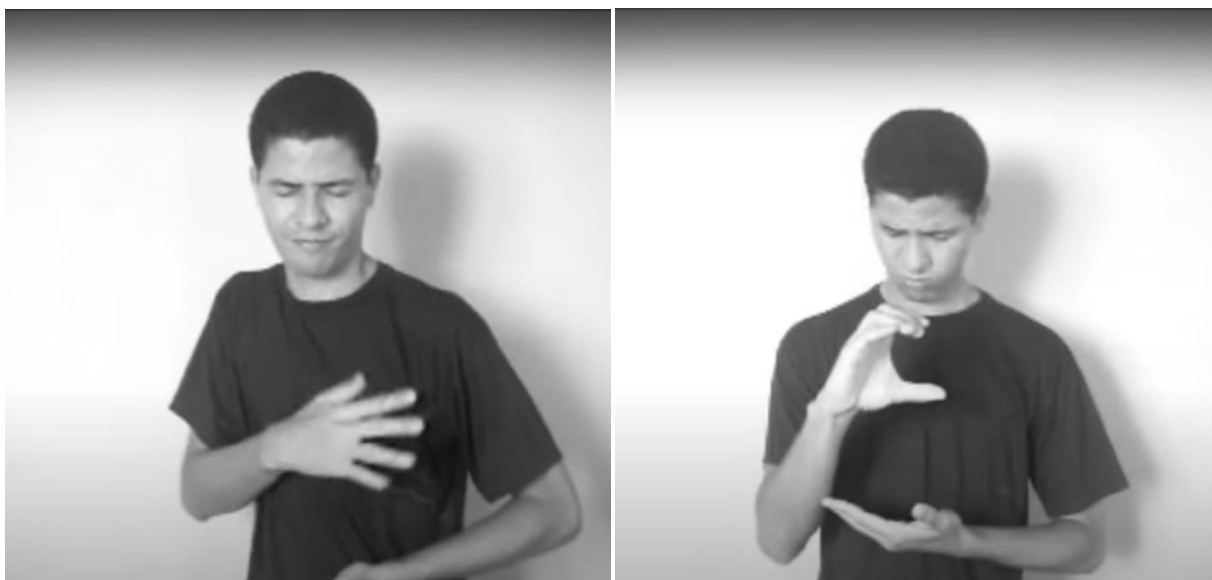
As linhas diagonais são marcadas pela contradição, logo, temos as relações estabelecidas entre: *normal* e *não normal*, como também *anormal* e *não anormal*. Nas linhas verticais, temos o eixo da implicação, onde *normal* implica em *não anormal* e *anormal* implica em *não normal*. A tensão dialética entre *normal* e *anormal* resulta no valor representado pela ida da mãe ao médico a fim de descobrir o diagnóstico do filho. Por outro lado, a tensão entre *normal* e *não anormal* constitui outro valor, dado aqui como sendo o *ser ouvinte*. A relação estabelecida entre *anormal* e *não normal* representa outro valor, *ser surdo*. O *não anormal* e o *não normal* constitui a inexistência semiótica, representada pelo símbolo $\emptyset$ (vazio).

A tensão existente entre o “ser ouvinte” e o “ser surdo” está intrinsecamente relacionado ao conceito de normalidade que a sociedade impõe. Os pais querem que seus filhos nasçam normais, com base no que eles têm por “normal”, ou seja, filhos saudáveis e funcionais assim como seus pais são. E isto

também é real nas famílias formadas por surdos, onde alguns desejam que seus filhos sejam normais assim como eles são, ou seja, surdos.

Diante do cenário exposto na poesia, podemos perceber o sentimento da mãe de forma evidenciada pelas expressões faciais distintas em dois momentos, quando ela usa inicialmente o sinal de “felicidade” ao gestar e carregar seu bebê e o sinal (orelha) que passa a ser usado para se referir ao filho a partir do momento que se tem o diagnóstico acompanhado de uma expressão facial triste e um peso corporal quando ela curva sua cabeça colocando seus ombros para frente.

Imagem 24 – Da alegria a frustração



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=2XE6do_HRsQ&t=1s

De acordo com a semântica fundamental, podemos afirmar que na perspectiva da mãe, o ser ouvinte é eufórico, assumindo um valor positivo, enquanto que o ser surdo é disfórico, logo carrega um valor negativo:

Normal -----Não normal-----Anormal
(euforia) (disforia)

Ao final deste primeiro momento a narrativa encerra em disforia, diante do diagnóstico de surdez do filho. O que era considerado anormal tornou-se a realidade daquela família.

5.3 Negação

Neste momento da narrativa (0:25" – 1'37") a mãe protagoniza diversas fases de negação a condição de surdez de seu filho, tentando encontrar meios que pudessem encobrir esse diagnóstico. Ela tenta falar normalmente com ele, mas não adianta, ele não ouve. Chega a pensar na hipótese de um aborto se o diagnóstico tivesse sido dado ainda durante a gestação, e imagina ainda como seria bom se houvesse um medicamento preventivo, mas isso não existe.

Frustrada, pensa em abandoná-lo, mas não consegue entregá-lo. O implante não é uma solução, tão pouco gritar. E quando não encontra uma solução, a frustração e a culpa tomam conta de seu coração.

5.3.1 Nível Narrativo

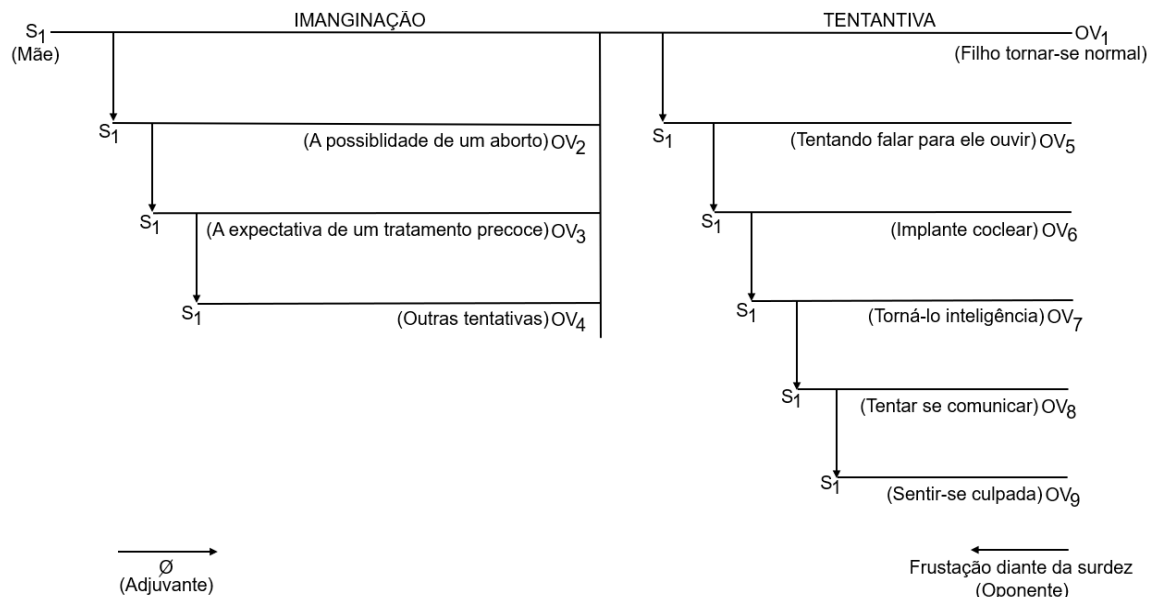
Na leitura semiótica conseguimos identificar dois sujeitos semióticos: o sujeito semiótico 1 (S1) e o sujeito semiótico 2 (S2).

O sujeito semiótico 1 (S1) aqui é figurativizado pela mãe que tem por objeto de valor principal ter um filho normal (OV1), para alcançar este objetivo o S1 faz um percurso que se divide em dois momentos. No primeiro momento o S1 começa a imaginar o que ela poderia ter feito para evitar ter um filho surdo.

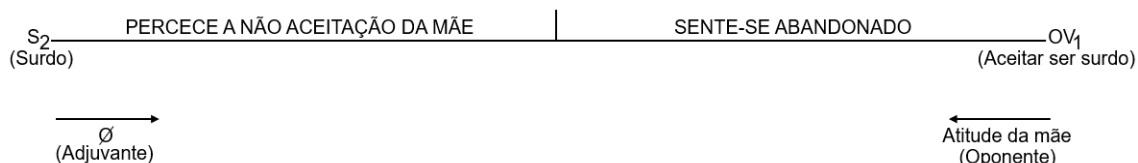
Ela imagina-se voltando a estar grávida e na possibilidade de um aborto (OV2), mas sem coragem, reflete sobre a ideia de um tratamento medicamentoso precoce (OV4) e ainda pensa sobre outras alternativas (OV4) mas neste momento o S1 termina disjunto do seu objeto de valor principal.

No segundo momento, o sujeito semiótico 1 (S1), assume as tentativas de alcançar o seu OV1 e inicia essa etapa tentando falar e ser ouvida por seu filho (OV5), sem sucesso, passa para a próxima tentativa que foi o implante coclear (OV6) mas não logra êxito e assim pensa em outras possibilidades de torná-lo um ser pensante, inteligente (OV7) porém isto não o faz deixar de ser surdo. S1 tenta outras formas de comunicação (OV8) mas termina sentindo-se culpada (OV9). E por sua vez, termina disjunta do seu objeto de valor principal que é ter um filho normal (ouvinte).

Dessa forma não é possível identificar nenhum adjuvante, enquanto que o sentimento de frustração da mãe tua como oponente em todo percurso. E o percurso completo do S1 pode ser representado da seguinte forma:



O sujeito semiótico 2 (S2) aparece na figura do filho surdo, que neste momento da obra busca ser aceito como surdo (OV1), mas perpassa o percurso inicialmente percebendo a não aceitação da sua mãe, diante de todas as tentativas frustradas de torna-lo diferente do que ele é e por fim, sente-se abandonado. Representamos esse percurso do S2 no esquema:



Logo, S2 encerra o seu trajeto narrativo disjunto do seu objeto de valor principal, em função da ação do oponente aqui figurativizado diante das atitudes da sua mãe.

5.3.2 Nível Discursivo

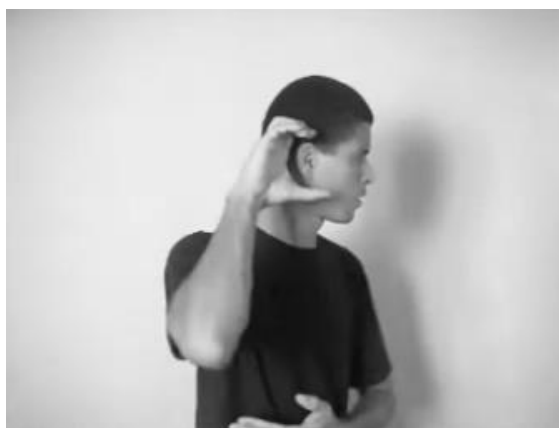
Assim como no primeiro fragmento do texto, o enunciador encontra-se distante dos fatos narrados, ou seja, em debreagem, porém nesta etapa do

poema, o narrador sai de cena e incorpora a mãe que assume a narrativa, trazendo o discurso para primeira pessoa em muitos momentos, como quando diz por exemplo: “Se eu pudesse colocá-lo de volta em meu ventre, sabendo que ele era surdo, eu abortaria...”⁵

O tempo e o espaço neste momento da obra são inexistentes. Não há nenhum indício de demarcação temporal ou espacial. E a actorialização está focada exclusivamente nos papéis temáticos da mãe e do seu filho.

No percurso temático-figurativo encontramos: frustração, culpa, abandono familiar, falta de comunicação, implante coclear, oralização. E a pessoa do filho sendo representada por uma “orelha”.

Imagem 25 – Uma orelha andante



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=2XE6do_HRsQ&t=1s

Esta escolha poética tem sua justificativa nos discursos e vivência dos surdos, em que muitos relatam a forma estereotipada que são vistos pela sociedade. Quando sua capacidade é questionada por não ouvir, resumem eles a um “ouvido ambulante”, quando limitam sua escolha profissional a cursos que surdos podem fazer, resumem eles a um “ouvido ambulante”, quando julgam eles como seres inferiores ou até mesmo se surpreendem com algo que não causaria espanto nenhum se fosse um ouvinte realizando ou conquistando, resumem os surdos a um “ouvido ambulante”.

Numa ótica sociológica, no entanto, o surdo não é um deficiente, mas uma pessoa que tem uma forma de ver o mundo distinta da sociedade majoritária; os problemas enfrentados em sua vida não são físicos e intrínsecos ao indivíduo, mas de natureza política e relacional, pois

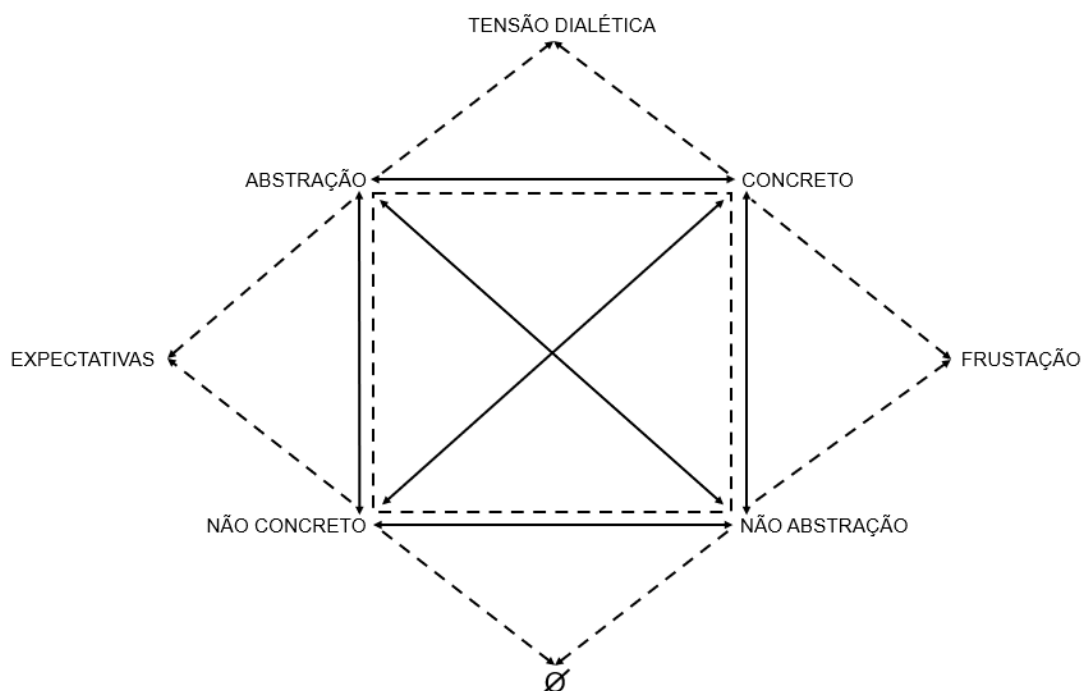
⁵ Tradução livre feita pelo autor deste trabalho.

residem precisamente no ponto de contato do indivíduo com uma sociedade despreparada para recebê-lo. (Wilcox *apud* Leite, 2019, p.5)

Essa visão limitante e estereotipada é fortemente representada na narrativa, a partir do nascimento e diagnóstico de surdez, o filho passou a ser visto como um “ouvido ambulante” e na alternativa mais otimista como um “ouvinte com defeito”, termo utilizado por Salles (2004).

5.3.3 Nível Fundamental

No fragmento narrativo aqui denominado de “negação”, o nível fundamental se constitui através do conflito entre abstração x concreto, que representamos espacialmente no octógono a seguir:



De acordo com o octógono acima, podemos observar os valores que surgem a partir das interrelações dos sujeitos na poesia. Na parte superior, vemos *abstração/hipótese* e o *concreto/realidade* que representam a dêixis positiva. Esses elementos se constituem numa relação de contrariedade um do outro. Na parte inferior, temos a dêixis negativa que é dada pela relação entre *não concreto* e *não abstrato*.

Nas linhas verticais, temos o eixo da implicação, onde *abstrato* implica em *não concreto* e *concreto* implica em *não abstrato*. A tensão dialética entre *abstrato* e *concreto* resulta no valor representado pelas hipóteses que a mãe tem em seu subconsciente sobre como deveria agir se descobrisse antes a surdez do filho. Por outro lado, a tensão entre *abstrato* e *não concreto* constitui outro valor, dado aqui como sendo *as expectativas*. A relação estabelecida entre *concreto* e *não abstrato* representa outro valor, *frustração*. O *não concreto* e o *não abstrato* constitui a inexistência semiótica, representada pelo símbolo $\emptyset$ (vazio).

O diagnóstico (etapa inicial) que podemos concluir como sendo algo concreto, um fato não foi suficiente para a mãe, o que a levou para um caminho de abstração fazendo com que a narrativa caminhasse para a frustração, logo o sentimento que prevaleceu foi o da culpa diante da realidade e das tentativas sem êxito que por ela foram realizadas.

5.4 Possibilidades

Este importante momento que antecede o ápice da narrativa é sinalizado no período de tempo compreendido entre 1':37" – 2':22" de vídeo. Neste recorte é comunicado as experiências do surdo diante de uma sociedade majoritariamente ouvinte e muitas vezes preconceituosa.

Ainda que em um ambiente dito inclusivo, como a escola, o sentimento dele é de exclusão. Em diversos espaços sociais, onde há uma iniciativa de comunicação, não obtém resposta, não compartilha das mesmas experiências, não vivencia o mundo da mesma forma. Ainda que ele tente se encaixar não encontra lugar, não há identificação.

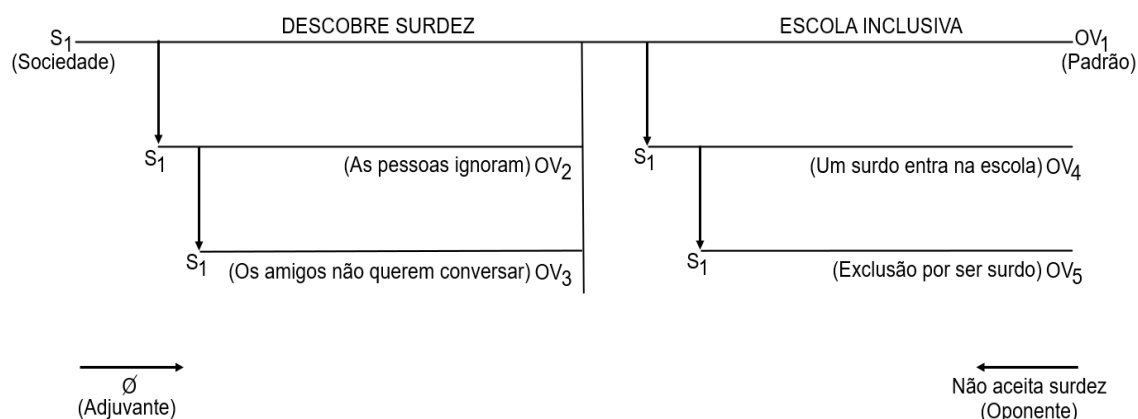
5.4.1 Nível Narrativo

O terceiro momento da poesia de Maurício Barreto, que denominamos de "Possibilidade" apresenta dois sujeitos semióticos: S1 figurativizado pela sociedade e S2 figurativizado pelo surdo.

O sujeito semiótico 1 (S1) tem como objeto de valor principal o padrão por ele imposto (OV1) que para obtê-lo, percorre um caminho dividido em dois passos. O primeiro veio através da descoberta da surdez que gera uma exclusão

(OV2) em um meio majoritariamente diferente, sendo possível perceber tais atitudes num convívio mais íntimo, como o de amigos que não têm paciência para conversar (OV3) quando há alguém diferente em seu meio. Dessa forma, o S1 inicialmente termina conjunto ao seu objeto de valor.

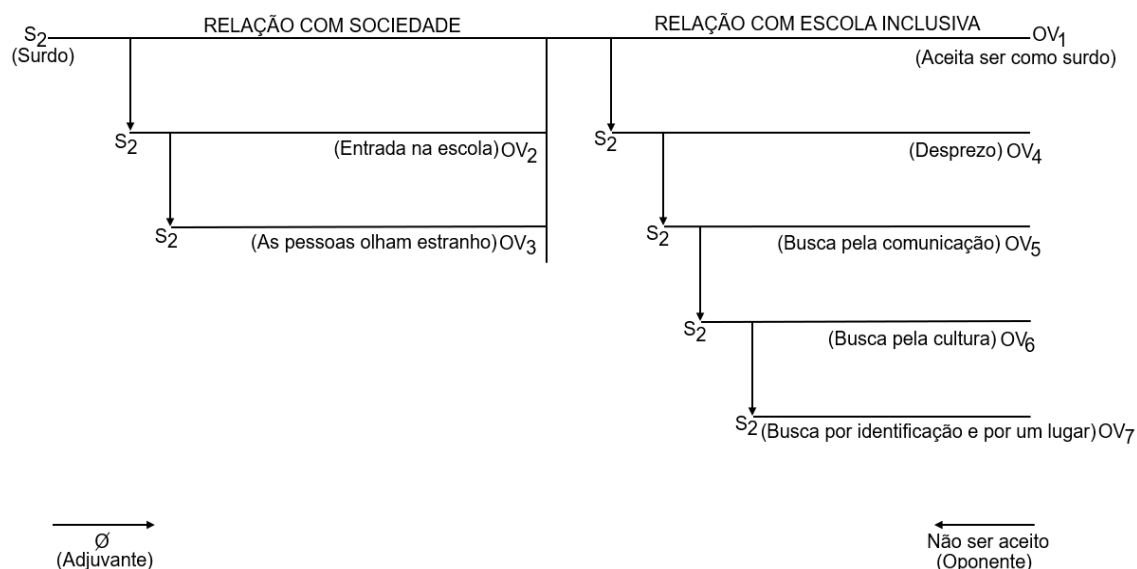
No segundo passo da sua narrativa vem a experiência de uma escola dita inclusiva, que com a chegada de um aluno surdo (OV4) sem uma preparação prévia do sistema termina de por excluir o aluno (OV5) pelas mesmas razões que o puseram ali, o fato de ser surdo. Portanto, o S1 termina conjunto com seu OV1, mantendo o padrão aceito pela maioria, como podemos observar no percurso completo:



O sujeito semiótico 2 (S2) é figurativizado pelo surdo que neste momento tem como objeto de valor principal ser aceito como surdo (OV1). Para tal, S1 faz um percurso que é dividido em dois momentos. O primeiro momento retrata sua relação com a sociedade de modo geral, representada pela sua entrada na escola (OV2) e sentida na forma rude e preconceituosa que as pessoas olhavam para ele (OV3). Neste momento o sujeito semiótico encerra disjunto do seu objeto de valor.

Passando então para o momento seguinte, que diz respeito a sua relação pessoa com a escola inclusiva, que nesta sente-se desprezado (OV4), busca uma comunicação (OV5), esforça-se para entender o outro, mas não consegue, tenta através das suas vivências se sentir parte da cultura predominante (OV6) mas não obtém sucesso. Procura algo que gera uma identificação, uma sensação de pertencimento (OV7) mas não consegue se encaixar.

Nesse momento da narrativa não percebemos a presença de um adjuvante, mas o oponente é figurativizado pela não aceitação, que é fator crucial para que o sujeito semiótico termine seu trajeto disjunto do seu objeto de valor principal:



5.4.2 Nível Discursivo

Neste fragmento do texto o narrador sai de cena mais uma vez e agora o surdo é incorporado e assume a narrativa. É sob a perspectiva dele que este momento é construído.

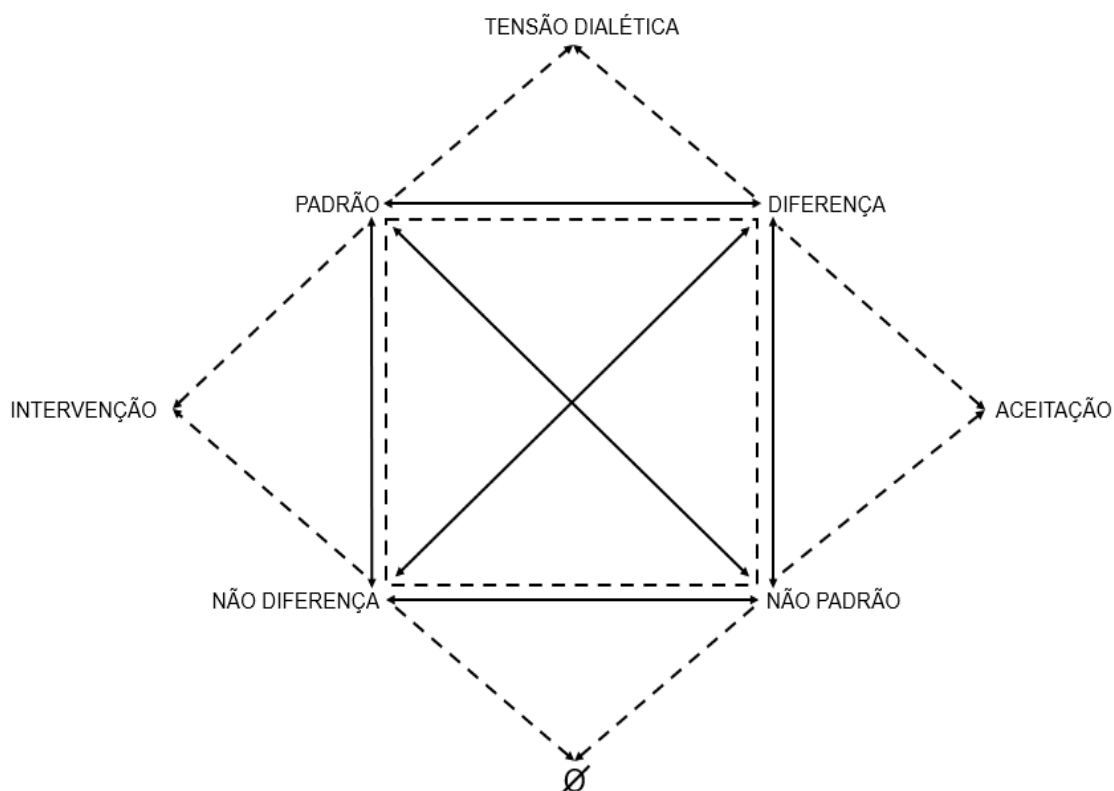
Agora é possível perceber que não é mais um bebê que está sendo levado pela mãe sem o entendimento do que está acontecendo. Não sabemos a idade exata também não há uma marcação temporal para quando a narrativa aponta, mas por se tratar de uma escola inclusiva podemos concluir que a narrativa é datada pós anos 90, pois foi a partir da declaração de Salamanca (1994) que se instaurou essa abordagem educacional. Logo, o espaço linguístico é dado pela escola em que o surdo se torna aluno.

No percurso temático figurativo do surdo, encontram-se os temas: preconceito, exclusão, a busca pela identidade cultural e pessoal. O preconceito e a exclusão são encontrados na figura dos olhares estranhos direcionados ao surdo, da exclusão por parte de quem ele tem por amigos. A busca por uma

identificação pode ser percebida nos momentos em que o surdo se dirige aos demais alunos, esforçando para se encaixar nas vivências e pertencer àquele lugar, mas falha ao tentar.

5.4.3 Nível Fundamental

Em toda sociedade a relação entre um padrão de normalidade estabelecido por séculos e a diferença vem sendo discutido há décadas e tem ganhado força nos últimos anos. Não apenas no que se refere a pessoa com deficiência, mas a todas as minorias. Aqui o padrão não abordado necessariamente pela pessoa sem deficiência, mas no não saber lidar com o diferente, neste caso, o surdo. Representamos graficamente este conflito:



De acordo com o octógono acima, podemos observar os valores que surgem a partir das interrelações dos sujeitos na poesia. Na parte superior, vemos *padrão* e o *diferença* que representam a dêixis positiva. Esses elementos se constituem numa relação de contrariedade um do outro. Na parte inferior,

temos a dêixis negativa que é dada pela relação entre *não diferença* e *não padrão*. Já as relações que se constituem contraditórias uma da outra estão presente nas linhas diagonais *padrão x não padrão* e *diferença e não diferença*.

Nas linhas verticais, temos o eixo da implicação, onde *padrão* implica em *não diferença* e *diferença* implica em *não padrão*. A tensão dialética entre *padrão* e *não diferença* resulta no valor representado pelas tentativas/intervenções da mãe em adequar o filho ao padrão social dado como normal. Por outro lado, a tensão entre *padrão* e *não diferença* constitui outro valor, dado aqui como sendo a *aceitação*. A relação estabelecida entre *diferença* e *não padrão* representa outro valor, *aceitação*. O *não padrão* e o *não diferença* constitui a inexistência semiótica, representada pelo símbolo $\emptyset$ (vazio).

Nesse caso, a *diferença* age em disforia com o *padrão* que visto nesta etapa como euforia, ou seja:

Padrão	-----	Não Padrão	-----	Diferença
(euforia)				(disforia)

Encerrando a narrativa neste momento em euforia, uma vez que a diferença não foi aceita, mantendo-se o padrão social de normalidade apresentado pelas lentes da escola dita inclusiva.

5.5 Aceitação

Este é o último fragmento de texto, sinalizado no vídeo a partir de 2':22" até o fim da poesia (3':10"). É este momento que dá nome a obra, que a sinalização cresce, as expressões ficam evidenciadas, pela primeira vez o filho (surdo) tem estampado no rosto um sorriso. É neste momento que ele se encontra com seus pares, com pessoas que compartilham das mesmas vivências e cultura, compartilha uma língua.

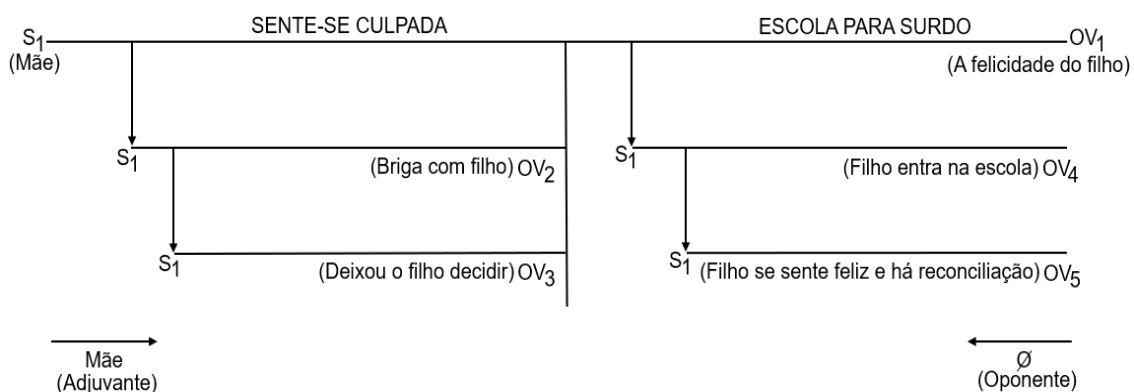
A partir dessa aceitação, inicialmente íntima e pessoal, é possível reconciliar-se com sua mãe e feridas são enfim curadas. Agora eles podem celebrar, o surdo tem uma língua e esta língua finalmente possui um reconhecimento legal, a Lei 10.436 do ano de 2002, conhecida como "A lei da Libras".

5.5.1 Nível Narrativo

A poesia sinalizada apresenta uma narrativização densa desde o início, e os três primeiros estágios acompanham esse pesar, este diferente dos demais é o ápice poético, é o momento em que as expressões corporais curvadas dão lugar a um corpo ereto e de semblante feliz, marca o momento da identificação do surdo com os seus semelhantes, a reconciliação com sua mãe a gratidão diante do reconhecimento legal da Libras.

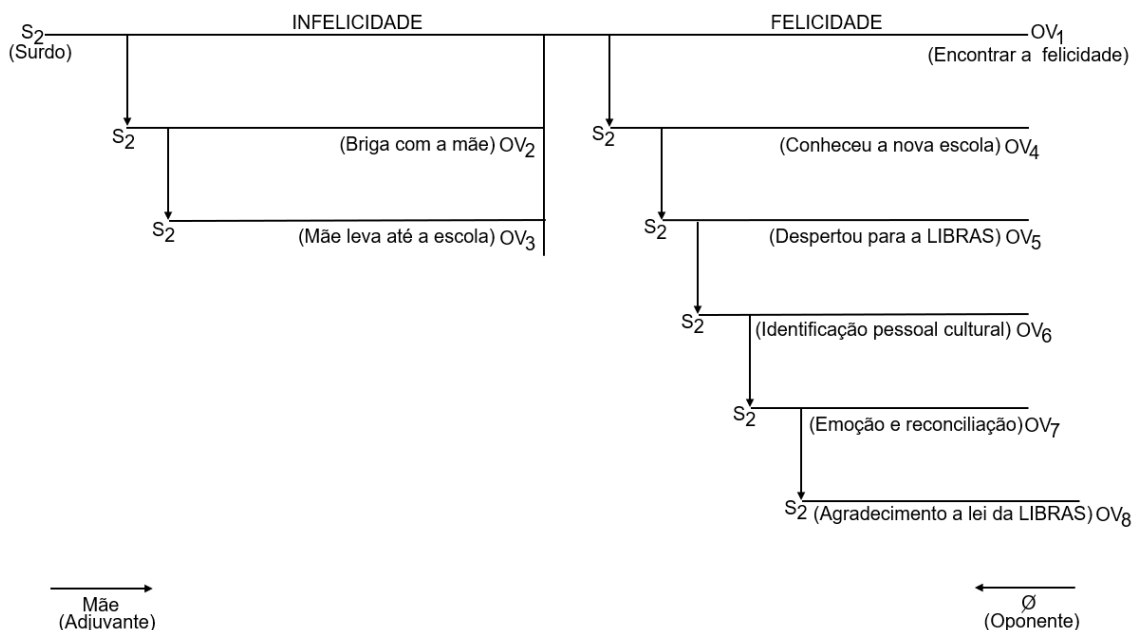
Neste momento, observamos as relações entre dois sujeitos semióticos: sujeito semiótico 1 (S1) figurativizado mais uma vez na mãe de surdo que, por sua vez, tem como objeto de valor principal a felicidade do filho (OV1). S1 se instaura na modalidade de querer-saber o que o filho precisa para ser feliz. Para alcançar seu objeto de valor principal, a mãe (S1) passa por dois momentos: a culpa inicialmente e a ida a nova escola do filho. Tais etapas se instauram a partir do nascimento de uma briga travada entre os dois (OV2) após tantas tentativas sem sucesso, segue com a desistência por parte da mãe que deixa o filho ir e decidir por si (OV3). Nesse momento, S1 encontra-se disjunta ao seu objeto de valor principal.

Contudo, quando se instaura o segundo momento, S1 leva o filho até uma nova escola (OV5) onde há outras pessoas como ele, ou seja, surdos, iniciando o processo de aceitação e por fim vem a realização pessoal do seu filho e o estado de felicidade almejado, assim como a reconciliação entre ambos (OV6). O sujeito semiótico 1 finaliza seu percurso num estado de felicidade, isto é, conjunto do objeto de valor. S1 se apresenta no percurso como o seu adjuvante, isto é, aquele que possibilita a sua busca pelo objeto de valor, pois o desenrolar da narrativa partiu da sua aceitação primeiramente e não houve a presença de um oponente. Esse percurso e as interrelações do sujeito semiótico 1 podem ser visualizadas no diagrama a seguir:



O sujeito semiótico 2 (S₂) é figurativizado no filho surdo que, por sua vez, tem como objeto de valor principal encontrar a felicidade (OV₁) figurativizado em sua aceitação pessoal e comunitária. S₁ se instaura na modalidade de *fazer-saber* o que o torna feliz. Para alcançar seu objeto de valor principal, o surdo (S₂) passa por dois momentos, sendo o primeiro a infelicidade e o segundo a felicidade. Tais etapas se instauram a partir do momento em que mãe e filho brigam (OV₂) por não aguentar mais tantas tentativas frustradas e então a mãe decide leva-lo a uma nova escola (OV₃), uma tentativa diferente das anteriores. Nesse momento, S₂ encontra-se ainda disjunta ao seu objeto de valor principal, pois somente a ida a uma nova escola não garante a sua felicidade almejada.

No segundo momento, S₂ conhece a sua nova escola (OV₄) e finalmente conhece outras pessoas que são surdas como ele e desperta para a Língua de Sinais (OV₅), a partir daí começa a haver uma identificação pessoal e comunitária (OV₆), o pertencimento antes almejado, e vive um momento de grande emoção pessoal e compartilha com a mãe o que os leva a uma reconciliação (OV₇) e por fim, o agradecimento e reconhecimento a importância da lei da Libras (OV₈) e suas influências em sua vida. O sujeito semiótico 2 finaliza seu percurso conjunto ao objeto de valor principal. O percurso de S₂ conta com a sua mãe como adjuvante e não apresenta oponente. Esse percurso e as interrelações do sujeito semiótico 2 podem ser visualizadas no diagrama a seguir:



5.5.2 Nível Discursivo

O enunciador está debreado, ou seja, não participa da narrativa nesta última etapa da poesia. Embora possa ser considerado um distanciamento parcial, pois ele confia as suas mãos ao actante surdo que é incorporado ao discurso assumindo a narrativa até o final da obra sinalizada.

O espaço narrativo inicia na nova escola em que o surdo integrou, mas não há uma exatidão de que ao fim do discurso este ainda seja a sua localização. A demarcação temporal inicialmente é genérica, mas ao fim do discurso, quando ele sinaliza: Lei de Libras, tomamos como base a data de vigência desta que é 24 de abril de 2002, tomando esse dia como parâmetro.

Os actantes presentes neste momento são figurativizados na mãe, no surdo e nos colegas de escola de modo geral, que passam a ideia de serem também surdos ou pelo menos usuários da Libras.

No percurso temático figurativo encontramos: aquisição da língua, identidade, cultura e aceitação. Esse processo inicial de identificação e aquisição da língua é percebido no momento em que ele entra na escola figurativizado no “ouvido ambulante” e se transforma gerando o sinal de “Libras”, como podemos perceber na imagem abaixo.

Imagem 26 – A descoberta da Libras



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=2XE6do_HRsQ

O tema de aceitação é figurativizado na comunidade em que ele passa a integrar e também na aceitação familiar que é um conflito vivido desde o nascimento e agora finaliza com ambos se reconectando.

Figura 27 – De uma orelha fez-se coração



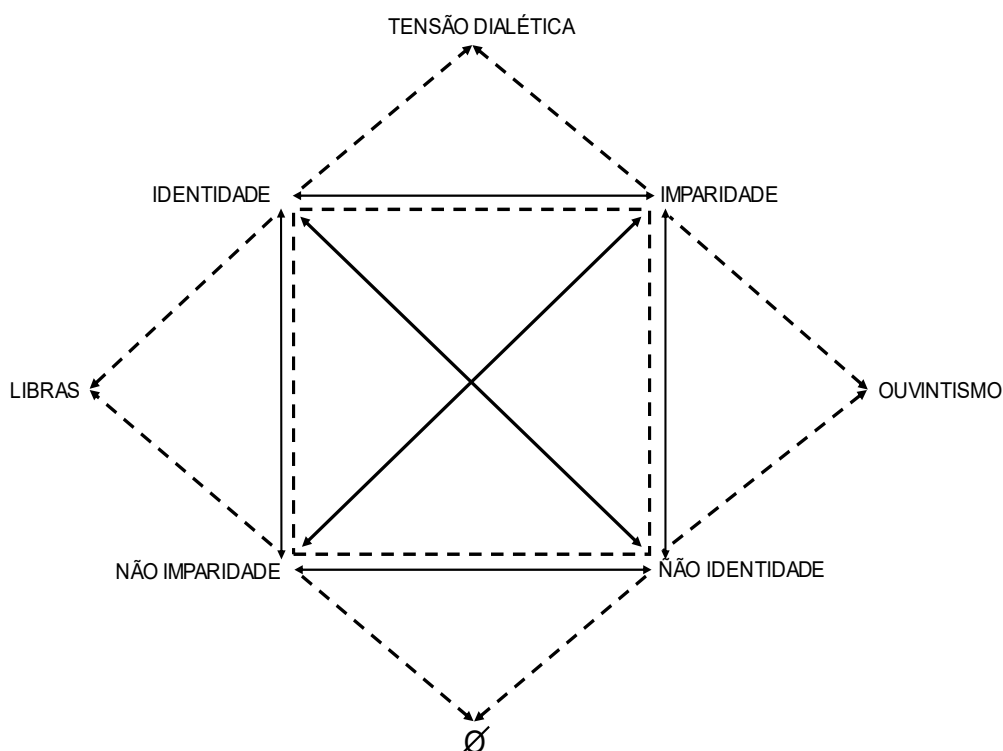
Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=2XE6do_HRsQ

A “orelha ambulante” como o surdo antes era vista pela mãe e passou a ser sentido também por ele, já que se apresentava assim, quando enfim

descobriu a Libras viu a língua trazer uma identidade, o pertencimento a uma comunidade e a reconciliação com sua mãe, que transformou a “orelha” em uma metade do coração, sendo completado por sua mãe, ou seja, a língua permitiu que traços familiares fossem refeitos.

5.5.3 Nível Fundamental

O nível fundamental, conforme dito anteriormente, representam as oposições binárias da narrativa, ou seja, os conflitos que são construídos. Podemos descrever o principal conflito da seguinte forma:



De acordo com o octógono acima, podemos observar os valores que surgem a partir das interrelações dos sujeitos na poesia. Na linha horizontal superior, vemos *identidade* e a *imparidade* que representam a dêixis positiva. Esses elementos se constituem numa relação de contrariedade um do outro,

assim como na linha horizontal inferior, temos a dêixis negativa que é dada pela relação entre *não imparidade* e *não identidade*.

Nas linhas diagonais (relações contraditórias) temos: *identidade x não identidade* e *imparidade x não imparidade*. Já nas linhas verticais, temos o eixo da implicação, onde *identidade* implica em *não imparidade* e *imparidade* implica em *não identidade*. A tensão dialética entre *identidade* e *não imparidade* resulta no valor representado pela Libras e na significativa influência que esta (o seu reconhecimento legal) teve sobre a vida do surdo e em consequência sobre o seu relacionamento com a mãe. Por outro lado, a tensão entre *imparidade* e *não identidade* constitui outro valor, dado aqui como sendo o *ouvintismo*, que é historicamente conhecido como atitudes de opressão exercida sobre os surdos por pessoas ouvintes.

A *não imparidade* e a *não identidade* constitui a inexistência semiótica, representada pelo símbolo $\emptyset$ (vazio).

De acordo com a semântica fundamental, podemos concluir que na perspectiva do surdo, a conquista da identidade através da língua é eufórica, assumindo um valor positivo, enquanto que a imparidade diante das práticas ouvintistas é disfórica, logo carrega um valor negativo:

Identidade-----Não Identidade-----Imparidade
(euforia) (disforia)

Encerrando a narrativa neste momento em euforia, uma vez que a identidade foi alcançada através das conquistas viabilizadas pelo reconhecimento da Libras.

6. Considerações Finais

Através desta pesquisa podemos perceber quão vasto é o campo da literatura surda e o quanto a semiótica tem a oferecer para os estudos voltados as obras produzidas por surdos.

E para alcançar o objetivo geral deste trabalho, que era a partir de uma visão da semiótica Greimasiana estudar sobre a vida e obra do poeta popular surdo Maurício Barreto e analisar uma de suas obras, nós mergulhamos no mundo das produções visuais e embora soubesse que se tratara de um dos maiores poetas da comunidade surda brasileira (em termos de quantidade de obras produzidas e disponibilizadas) nos surpreendeu a excelência do seu trabalho e o seu olhar sensível para a arte.

A obra eleita para ser estudada com mais afincos e com base no percurso da semiótica greimasiana, não se trata apenas de uma poesia sinalizada ou um reconhecimento acerca da importância da lei da Libras, mas é também um grito de resistência. É um recorte do que é vivenciado pelos surdos. Essa história contada em forma de poesia se desenvolve a partir de dois sujeitos principais, a mãe e o filho surdo, que embora percorram caminhos diferentes tem como mesmo objeto de valor que é a felicidade e para alcançá-la traçam diversos caminhos, desde a negação até a aceitação.

Esta obra de um pouco mais de três minutos é como uma sinopse do filme da vida e da história do povo surdo. Nela podemos encontrar temas que atualmente continuam sendo discutidos, tais como: a visão clínica e limitante da surdez que insiste em resumir o surdo a uma incapacidade, a falta de acolhimento as famílias que recebem o diagnóstico de surdez em um filho e se sentem perdidas. A falta de comunicação no seio familiar também é uma temática importante que essa obra aborda, principalmente no que se refere a vida do surdo, em que este muitas vezes é silenciado e carregado de um lugar para outro.

O despreparo por parte do sistema educacional é um ponto importante dessa obra, em que vemos a escola inclusiva como apenas um espaço que integra a criança surda, mas não acolhe e a envolve, criando um espaço de exclusão.

E finalmente podemos ver o que a língua e o encontro com seus pares é capaz de oferecer a um indivíduo, que a partir do momento em que se viu representado por outros seres semelhantes a ele se sentiu acolhido, fazendo parte de algo que outrora tanto desejou. O contato com a língua de sinais deu a ele a possibilidade de ter uma comunicação hábil, proporcionou uma vivência em comunidade, o encontro com sua identidade e uma cultura, abrindo seus olhos para o mundo, mas também para sua subjetividade. A partir disso, podemos constatar a relevância desta obra para a literatura surda.

O autor da obra, Maurício Barreto apresenta uma singularidade poética admirável. Podemos ver a sua essência, suas lutas, seu ato de resistência impressos nas suas criações e em especial nesta, pois a lei da Libras foi um marco na história da comunidade surda brasileira e é comemorada todos os anos, mas as lutas não findaram quando a lei entrou em vigor, mas ela serve como um lembrete que vale a pena lutar.

Sendo assim, pode-se dizer que este trabalho além de promover a preservação e a valorização desta herança cultural que é a Literatura Surda e mostrar o quanto a união com a semiótica pode ser importante, e um recorte das lutas e dos movimentos de resistência do povo surdo diante das barreiras sociais que enfrentam diariamente.

E enquanto pesquisador surdo, pertencente a esta comunidade e consumidor da literatura surda percebo o quanto essa obra de Maurício Barreto é importante para nós, pois além de valorizar as produções dos sujeitos surdos também corrobora com a ideia de que a língua promove a inserção das pessoas surdas na sociedade, fato este que me aproxima da obra, uma vez que, foi através da Língua de Sinais que pude me perceber enquanto indivíduo e por meio da literatura surda me vi pertencente a algo maior que a deficiência.

Percebemos que a obra além de legitimar as criações dos surdos enquanto produções literárias e também artísticas, identificamo-las como um instrumento de denúncia quanto as práticas preconceituosas vem dos mais diversos ambientes (médico, familiar, escolar e a sociedade de modo geral) e como é importante o acesso a Língua de Sinais e o processo de aceitação da surdez através do contato com seus pares que tem o poder influenciar positivamente essa transição.

E através da análise semiótica greimasiana, percorrendo o percurso gerativo da significação percebemos que além dos componentes internos do texto ou os fatores externos que influenciaram o autor em suas escolhas poéticas, a presença de uma vida, ou seja, a vida do surdo. A análise nos fez mergulhar mais a fundo na obra o que possibilitou fazer uma leitura mais minuciosa e assim traçar paralelos com a história do povo surdo, ainda que de forma resumida, porém suficiente.

E diante de tudo que este estudo proporcionou, outras portas se abrirão, pois através do encantamento que esta análise proporcionou e percebendo a gama de obras que o poeta Maurício Barreto criou e continua criando fez surgir o interesse em dar continuidade a esta pesquisa, sendo assim, partiremos para o doutorado na mesma linha nos aprofundando no que a semiótica e as obras desse autor popular surdo têm a nos ensinar.

Por fim, vemos a poesia “*24 de abril Lei da LIBRAS*” como um instrumento de denúncia, mas também como uma oportunidade de apresentar o protagonismo do surdo, o poder que a Língua de Sinais tem para transformar o sujeito, bem como inseri-lo na sociedade. E para tanto faz-se necessário a difusão desta e tantas outras obras pertencentes a Literatura Surda.

7. Referências bibliográficas

AMÉRICO, Ekaterina V. Alguns aspectos da semiótica da cultura de Lúri Lotman. 2012. Tese (Doutorado em Letras) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012

ARAÚJO, R. P. U. A literatura popular escrita do nordeste do Brasil: uma leitura semiótica das significações culturais. João Pessoa, 2016. 199f.

BAKHTIN, M. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da UnB, 1987.

BARROS, Diana Luz Pessoa. Teoria semiótica do texto. São Paulo: ática, 2000

BARROS, Diana Luz Pessoa. Teoria Semiótica do Texto. São Paulo: Editora Ática, 2002.

BARROS, Diana Luz Pessoa. Teoria Semiótica do texto. Editora Parma LTDA, 4ª edição - São Paulo 2005.

BASCOM, W. (1953). "Four functions of folklore." Reprinted in A. Dundes (ed.), (1965) The study of folklore, pp. 279-298. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.

BAUMAN, Dirksen. *Getting out of Line: Toward a visual and Cinematic poetics of ASL*. In: BAUMAN, Dirksen; NELSON, Jennifer; ROSE, Heidi (Ed.) Signing the Body Poetic. Oakland, CA: University of California Press, 2006

BATISTA, M.F.B.M. O percurso gerativo da significação. Revista do GELNE Vol. 3 No. 1 2001.

BATISTA, M.F.B.M. A semiótica: caminhar histórico e perspectivas atuais. Rv. De Letras nº25, vl ½ jan/dez. 2003.

BATISTA, M.F.B.M. Estudos em Literaturas Popular. João Pessoa: Editora Universitária, 2004.

BATISTA, M.F.B.M. Anais da 61ª Reunião Anual da SBPC - Manaus, AM - Julho/2009.

BATISTA, M.F.B.M. Os discursos etnoliterários: o fazer intersubjetivo e a produção do saber. Acta Semiótica. Programa de Pós-Graduação – PPGL. Universidade Federal da Paraíba. V. 18, n. 2. (2013)

BATISTA, M.F.B.M. Modelos Pancrônicos de descrição linguística: Percurso de sentido. – UFPB 2013.

BOULNOIS, Olivier (1999). Être et représentation. Paris: Presses Universitaires de France.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm> Acesso em: 28 de setembro de 2020.

BRASIL. Portaria Nº 5626/05. Brasília: DF, 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm> Acesso em 28 de setembro de 2020.

CARMEL, S. J. (1996). “Deaf folklore.” In J. H. Bruvard (ed.), American folklore: An encyclopedia. New York & London: Garland Publishing

CARVALHO, J. M. O ideal de completude narcísica e o adolescente surdo: um estudo clínico. Dissertação de mestrado não-publicada, Pontifício Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

CUCHE, Denys. O Conceito de Cultura nas Ciências Sociais. Tradução de Viviane Ribeiro. 2 ed. Bauru: EDUSC, 2002.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Salamanca-Espanha, 1994.

FIORIN, José Luiz. Elementos de Análise do Discurso. São Paulo: Contexto/Edusp, 1989 (Série Repensando a Linguagem).

FIORIN, José Luiz. As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo. 2ed. São Paulo: Ática, 2002. 318p.

FIORIN, José Luiz. Elementos do discurso. São Paulo: Contexto, 2005

GREIMAS, Algirdas Julien (1973). Semântica estrutural. São Paulo, Cultrix/EDUSP.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. Dicionário de semiótica. São Paulo: Contexto, 2012.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 22, nº 2, p.15-46, jul./dez. 1997.

HEGEL, G. W. F. Cursos de Estética. Trad. Marco Aurélio Werle. São Paulo: EDUSP, 2001.

HELMAN, C. G. Cultura, saúde e doença. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

HOUAISS, Antônio. VILLAR, Mauro de Salles. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. - Rio de Janeiro: Objetiva 2001.

KOTTER, J. P.; HESKETT, J. L. A cultura corporativa e o desempenho empresarial. São Paulo: Makron Books, 1994.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. 19 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LEITE, T. A. Língua, Identidade e Educação de Surdos, Ponto Urbe [Online], 2 | 2008.

LOTMAN, I. La semiótica de la cultura y el concepto de texto. In: LOTMAN, I. La semiosfera I: semiótica de la cultura e del texto. Madrid: Ediciones Cátedra, 1996.

LOTMAN, I.; USPENSKII, Bóris. Sobre o mecanismo semiótico da cultura. In: MACHADO, I. (org.). Ensaios de semiótica soviética. Lisboa: Novo Horizonte, 1981.

MACHADO, Fernanda de Araújo. *Simetria na Poética Visual na Língua de Sinais Brasileira*. Florianópolis: UFSC, 2013. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br> acessado em 28/09/2020.

NÖTH, Winfried. *Panorama da semiótica: de Platão a Pierce*. São Paulo. Annablume, 1995

PADDEN, Carol e HUMPHRIES, Tom. *Deaf in américa: voices from a culture*. Cambridge: Harvard University Press, 2000.

PAIS, Cimar Teodoro. Considerações sobre a semiótica das culturas, uma ciência da interpretação: inserção cultural, transcodificações transculturais. In: *Acta semiótica et Lingvística*. João Pessoa, v.14, ano 33, n.1 p.17-20, 2009

PEIXOTO, J. A. *O Registro da Beleza nas Mãos: A Tradição de Produções Poéticas em Língua de Sinais no Brasil*: UFPB, 2016.

PEIXOTO, J.A e POSSEBON, F. A HETEROGENEIDADE NAS PRODUÇÕES LITERÁRIAS DA COMUNIDADE SURDA BRASILEIRA In PEIXOTO, J.A e Vieira, M.R, *Artefatos culturais do povo surdo: discussões e reflexões*. – João Pessoa: Sal da Terra, 2018, 206 p.

PEIXOTO, J. A. e VIEIRA, M. R. (Org). *Artefatos culturais do povo surdo: discussões e reflexões*. – João Pessoa: Sal da Terra, 2018, 206 p.

PEIXOTO, J. A. *A tradição literária no mundo visual da comunidade surda brasileira*. Coleção Pós Letras. Vol 2. João Pessoa: PPGL/UFP, 2020.

PERLIN, G.; STROBEL, K. História cultural dos surdos: desafio contemporâneo *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 2/2014, p. 17-31. Editora UFPR)

PIMENTA, Nelson. *A tradução de fábulas seguindo aspectos imagéticos da linguagem cinematográfica e da Libras*. (Dissertação) Mestrado em Estudos da Tradução. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

PORTO, Shirley; PEIXOTO, Janaína Aguiar. Literatura Visual. In Faria, E.M.B. Língua Portuguesa: Teorias e Prática, Vol 3. João Pessoa. Editora Universitária da UFPB, 2011.

QUADROS, Ronice Müller (org.). Estudos surdos I. Série Pesquisas. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2006.

RASTIER, François et BOUQUET, Simon (Orgs.) (et al. Une introduction aux sciences de la culture. Paris: P.U.F., 2002

RASTIER, François. Ação e sentido por uma semiótica das culturas. João Pessoa: Ideia/Editora Universitária, 2010.

SANTAELLA, Lucia. O que é Semiótica. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SANTOS, Sandra Maria Diniz Oliveira. Transcodificação de Contos Populares para Língua Brasileira de Sinais: Uma Leitura Semiótica da Cultura Surda. João Pessoa, 2017, 261f.

STRÖBEL, K. L. As imagens do outro sobre a cultura surda. Florianópolis: Ed. UFSC, 2008.

SUTTON-SPENCE, Rachel. *Imagens da Identidade e Cultura Surdas na Poesia em Língua de Sinais*. In Quadros, Ronice Muller. Questões Teóricas das Pesquisas em Línguas de Sinais. Petrópolis. Arara Azul. 2008.

WHITE, L. A.; DILLINGHAM, B. O conceito de cultura. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

WRIGLEY, O. The Politics of Deafness. Gallaudet University Press. Washington, D.C., 1996.

APÊNDICE

CATALOGAÇÃO DAS OBRAS POÉTICAS

Observação: Os títulos de cada obra foram copiados exatamente como foram publicados pelo poeta, respeitando inclusive as letras maiúsculas e minúsculas.

TÍTULO – YOUTUBE	TÍTULO - FACEBOOK
POESIA	POESIA
poesia Farol da Barra em Libras (DEAF) https://www.youtube.com/watch?v=VXcKgO-jD9A	Poesia de farol da barra salvador-BA (em LIBRAS) https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/457956437618887/
POESIA ESPORTES EM LIBRAS (DEAF) https://www.youtube.com/watch?v=aZY0Vql1vjl&t=2s	POESIA ESPORTES EM LIBRAS (DEAF) https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/465763940171470
poesia Historia em LIBRAS (DEAF) https://www.youtube.com/watch?v=pxTE9AHsjD8&t=132s	poesia Historia de surdos https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/703930079688187/
DIA 24 ABRIL LEI LIBRAS https://www.youtube.com/watch?v=2XE6do_HRsQ	Poesia Lei de LIBRAS https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/824242657656928
poesia esportes em Libras https://www.youtube.com/watch?v=XPmKQmjEWOU&t=53s	
POESIA ACEITAR A JESUS EM LIBRAS (SURDO) https://www.youtube.com/watch?v=3L7NVhc-_VI&t=11s	
POESIA A HISTORIA DA BIBLIA EM LIBRAS https://www.youtube.com/watch?v=snzlrZiKJ-A	
POESIA E MÚSICA EM LIBRAS https://www.youtube.com/watch?v=EkNYqupAXPU	

poesia AMOR em LIBRAS https://www.youtube.com/watch?v=p_y-AEcWRtA&t=2s	
Poesia Deus. . . E Jesus em Libras https://www.youtube.com/watch?v=KJolA5D5a8E	Poesia Deus...e Jesus em Libras https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/1112362072178317/
Poesia Davi https://www.youtube.com/watch?v=746a50jl3Tk	Poesia de salmos em Libras https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/1135275796553611/
Poesia de orelha https://www.youtube.com/watch?v=d0F25EwJ8S0	Poesia de orelha. ... https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/1156234741124383/
Poesia história bra...Em Libras https://www.youtube.com/watch?v=7_ETWFdLano	2º Feira do conhecimento do CAS Bahia região norte https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/1176228652458325/
Poesia de você é Linda (as mulheres) https://www.youtube.com/watch?v=cWrSivvZzH4	
POESIA O HISTORIA DE BÍBLIA EM LIBRAS https://www.youtube.com/watch?v=eORFQz5oKN4&t=1s	POESIA NA BÍBLIA https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/1719275298153655/
Poesia em Libras Deaf https://www.youtube.com/watch?v=xxU-RPZaHM	
Poesia Lúcifer e Deus em Libras Deaf https://www.youtube.com/watch?v=_2wFTyFjCH0	
Poesia História de negro de salvador em Libras https://www.youtube.com/watch?v=KVk945tc2fc	Poesia de negros salvador VV https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/2490614827686361/
Poesia Jesus em Libras https://www.youtube.com/watch?v=eJqx-DAI4Hs	História de Jesus https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/2872768039471036/
Poesia Animais VV Visual Vermacular https://www.youtube.com/watch?v=POzXxCFoMFQ	Poesia Animais VV Visual Vermacular https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/2965181416896364/

Poesia de Sonho em Libras https://www.youtube.com/watch?v=pUI2OzxIEX4	Sonho https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/2537464176334759/
Poesia pecado em Libras https://www.youtube.com/watch?v=BGUjATZ7cSU	Poesia pecado e ... https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/2366248480122997/
Poesia de viajando em Libras DEAF https://www.youtube.com/watch?v=-xegBESgC5w	Poesia de viajando em Libras https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/2072200306194484/
Poesia Jesus em Libras https://www.youtube.com/watch?v=WiUgpe8epMIO	Poesia Jesus https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/1773663219381529/
Poesia Natal de Jesus em Libras https://www.youtube.com/watch?v=NrKthuyMNSc	Poesia Natal de Jesus... https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/2014319898649192/
Poesia silêncio em Libras https://www.youtube.com/watch?v=NdCTfWaljhU	
Namorados em LIBRAS https://www.youtube.com/watch?v=BrHqUqTu2i8	
pedido em namorar casamenta, pedido de oração https://www.youtube.com/watch?v=vMGiSmOmRso	
Abraço em deaf https://www.youtube.com/watch?v=EXnXPqu-kso	
Lei Libras https://www.youtube.com/watch?v=qne-ZreWXAc	SEM NOME https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/1689681621113023/
Número em Libras https://www.youtube.com/watch?v=ad8k-rlq7Sw	Número em Libras https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/640857592662103/
Julgar a prostituta em Libras https://www.youtube.com/watch?v=SyG9yCkP_Qc	
LUTA (LIBRAS)	luta em LIBRAS

https://www.youtube.com/watch?v=FC-3a1RHcL4	https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/476285539119310/
quer conhece Bíblia em LIBRAS https://www.youtube.com/watch?v=K0ssyCnmOww&t=74s	
A Cobra de Bronze em LIBRAS https://www.youtube.com/watch?v=6rmOwA82Le4&t=27s	
As pessoas praia em Libras https://www.youtube.com/watch?v=FaKoJm1wS_w&t=38s	
Espero ponto de ônibus DEAF https://www.youtube.com/watch?v=JFffA4jUB9M	
Dia 24 Abril de Libras https://www.youtube.com/watch?v=D-D8hwVryQI	Dia 24 Abril de Libras 17 anos https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/2187555827992264/
Bíblia em Libras Deaf https://www.youtube.com/watch?v=smwCv2zmGk8	Wow https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/2774986429249198/
Passado e futuro em Libras (classificados) https://www.youtube.com/watch?v=B_-if_YYv98&t=12s	Passado e futuro https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/2378361745578337/
Dia 24 Abril Lei de Libras (Bruce Lee) https://www.youtube.com/watch?v=kYRhrsrWjZ0&t=12s	
Classificados de Libras Davi https://www.youtube.com/watch?v=fPvyo5cldF0&t=38s	
Não tenho medo coragem vou rua coronavrus em Libras Deaf https://www.youtube.com/watch?v=n0MBTt92Sr8	Não tenho medo vou rua coragem ou fique em casa . coronavrus https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/2831673686913805/
Fique em casa VS vamos Trabalhar em Libras Deaf (coronavrus) https://www.youtube.com/watch?v=9qfaBIPd804&t=18s	Fiquei em casa VS vamos Trabalhar https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/2845266215554552/
Carnaval e Ilha que paz em Libras Deaf	Carnaval e Ilha que paz

https://www.youtube.com/watch?v=yANHuxvSvi8	https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/2774776339270207/
Feliz dia das crianças em Libras https://www.youtube.com/watch?v=eznw wPRwYps&t=21s	
Dia do intérprete /Tradutor de Libras (AVATAR) https://www.youtube.com/watch?v=pMBReK8wtkA&t=51s	Dia do intérprete / Tradutor de Libras (AVATAR) https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/2345740352173810/
Jesus Cristo em Libras Deaf https://www.youtube.com/watch?v=TDZL9iq2uHQ&t=16s	SEM NOME https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/2388676651213513/
Classificados de cavalo em Libras DEAF https://www.youtube.com/watch?v=F9Hk2FZEOVk&t=22s	Classificados de cavalo https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/2347647881983057/
Jesus anda por sobre o mar (poesia. Classificados em Libras) https://www.youtube.com/watch?v=TDZL9iq2uHQ&t=16s	Jesus anda por sobre o mar – poesia https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/2388676651213513/
O Sonho do Porquinho (Poesia em Libras) https://www.youtube.com/watch?v=gZ1L1w-Tbls	
Poesia Animais VV Visual Vermacular #visualvermacular #vv #poesia https://www.youtube.com/watch?v=POzXxCFoMFQ	SEM NOME https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/2965181416896364/
Sonho VV Visual Vermacular https://www.youtube.com/watch?v=tWnhY6BdKbl	VV Visual Vermacular #visualvermacular #vv #poesia https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/2967608379987001/
	Poesia Bíblia https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/2967608379987001/
	Melodia (ouvinte x surdo) https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/2909553112459195/
As pessoas Oração em Libras Deaf https://www.youtube.com/watch?v=PcAw hqa0BVA	Oração poderosa pedindo a ajuda de Deus. ..(As pessoas orações)

	https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/2857566657657841/
	Poesia 2020 https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/2662002580547584/
	Poesia Amazônia https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/2398490340232144/
Visual Vermacular Tema : Efésios 6 em Libras https://www.youtube.com/watch?v=UDE9D9xB6uk&t=22s	Visual Vermacular Tema : Seja o Herói da Fé (Efésios 6) https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/2502012209879956/
FELIZ PASCOA (POESIA EM LIBRAS) https://www.youtube.com/watch?v=zbv4wx7SSSg	
Poesia pecado e Jesus . Em Libras https://www.youtube.com/watch?v=kMJ9omnVX-8	SEM NOME https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/3241142632633573/
	poesiaem LIBRAS https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/475905852490612/
	CAMINHO ...EM LIBRAS https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/486746984739832/
	Feliz do dias surdos parabens https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/520851744662689/
	Imaginação em Libras. .. https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/971679516246574/
	Poesia de Deus! https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/985006291580563/
	Poesia de salvar. .. https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/1118612028219988/
	Poesia de Hamburge em Libras https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/1146937438720780/

	Alfa e Omega - Poesia em LIBRAS https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/2240005799413933/
	Poesia Amazônia https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/2398490340232144/
	Poesia 2020 https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/2662002580547584/
	Poesia Animais VV Visual Vermacular https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/2965181416896364/
	VV Visual Vermacular poesia https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/2967608379987001/
	Poesia Bíblia https://www.facebook.com/mauricio.barreto.77/videos/3115903921824112/